



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

ECO-LOUCOS PELA VIDA:

**UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA PARA CUIDAR DA
DIVERSIDADE DA VIDA NO SUL DA BAHIA**

Por

CRISTINA LEAL FERREIRA

SERRA GRANDE, URUÇUCA/BA, 2015



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

ECO-LOUCOS PELA VIDA:

**UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA PARA CUIDAR DA
DIVERSIDADE DA VIDA NO SUL DA BAHIA**

Por

CRISTINA LEAL FERREIRA

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

Prof^a. Dr^a. SUZANA PÁDUA

Prof^a. Dr^a. WAVERLI NEUBERGER

Prof^a. Dr^a. CÂNDIDA ALVES

**TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO
REQUISITO PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS

SERRA GRANDE, URUÇUCA, 2015

Ficha Catalográfica

Leal Ferreira, Cristina

Eco-loucos pela Vida: Uma experiência de aprendizagem transformadora para cuidar da diversidade da vida no sul da Bahia, 2015. 82 pp.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas.

1. Educação para a sustentabilidade
2. Alfabetização ecológica
3. Aprendizagem vivencial
- I. Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

BANCA EXAMINADORA

Serra Grande, Uruçuca (BA), Agosto de 2015.

Prof^a. Dr^a. SUZANA PÁDUA

Prof^a. Dr^a. WAVERLI NEUBERGER

Prof^a. Dr^a. CÂNDIDA ALVES

***Dedicado, com gratidão, a todos que se
dedicam a cuidar da Vida.***

Serra Grande, pequeno vilarejo no município de **Uruçuca, Bahia**.
Verão 2009/2010.

Um projeto desenhado a quatro mãos, um enorme coração,
E inspirado pelas singulares belezas deste recanto baiano,
Desejava provocar jovens e crianças da Vila



A sonharem grande, a sua Serra Grande!

Era a gincana cultural do Vila Aprendiz¹,
Que, através de vivências lúdico-educativas – às sombras das inigualáveis mangueiras da
Casazul* -, com desenho, pintura, colagem, corte e costura,



1

Dança, música, cavalgada e muito mais,
Estimulavam todos a expressarem seus melhores sonhos.
E não apenas com palavras, mas acessando também outras “linguagens”.

Foi um sucesso total! Que teve até carnaval.
Como protagonistas, todo o grupo participante, que produziu fantasias, compôs música,
criou coreografia, ensaiou o acompanhamento percussivo e saiu pelas ruas de Serra!



¹ Movimento por uma educação de qualidade em Serra Grande, mais detalhado na página 34 desta dissertação.

No final de tudo, a expressão dos sonhos...
Sinalizando que a galerinha desejava ir além: mais dança, música e teatro,
E muito, muito mais aventuras ao ar livre!



Novas formas

e espaços de aprendizagem?

A mensagem estava dada...

E foi prontamente acolhida no ano seguinte,
Com a iniciativa de um **Verão Ecológico & Cultural em Serra Grande!**

Além das “linguagens criativas”, trabalhadas no verão anterior, e das refrescantes mangueiras da Casazul²,
Jovens e crianças – alguns acompanhados de suas mães e avós! - puderam **descobrir juntos, e de diferentes formas, um pouco da riqueza cultural e da inigualável**



biodiversidade local,

E, de tais descobertas, tirar importantes lições...

Dentre as quais, uma trazida pelo Mecenaz da Vida³,
Que tocou fundo em muitos corações: a de que a **“essência da Vida, em todas as suas formas, está ameaçada e precisa ser resguardada”**.

² Espaço do Instituto Arapyau utilizado pela comunidade de Serra Grande para diversas atividades.

³ ONG ambientalista local, cujo trabalho é brevemente apresentado na página 33.

Começava, assim, a nascer uma **nova proposta de aprendizagem...**
Sua missão? Fomentar uma saudável “loucura pela Vida”,
Através do “*descobrir juntos,*
E juntos aprendermos a cuidar uns dos outros, e da Vida de todas as espécies”.



Eco-loucos pela Vida!



Aqui será compartilhado como surgiu esta proposta, o que a inspirou e inspira, seus principais resultados, e caminhos ainda por serem explorados. O objetivo? Fortalecê-la e, quiçá, torná-la exemplo para muitas,



E novas gerações de amantes e cuidadores da Vida.



SUMÁRIO

| | |
|------------------------|----|
| LISTA DE FIGURAS. | 10 |
| RESUMO | 11 |
| ABSTRACT | 13 |

1. INTRODUÇÃO

| | |
|--|----|
| 1.1 Fontes de inspiração e objetivos. | 15 |
|--|----|

2. MAIS INSPIRAÇÃO: FUNDAMENTOS QUE DERAM RAÍZES À PROPOSTA

| | |
|--|----|
| 2.1 O legado de um economista que levava em conta as pessoas e o meio ambiente.... | 17 |
| 2.2 Alfabetização ecológica, Ecologia Profunda e implicações práticas. | 19 |

3. MATERIAIS E MÉTODOS

| | |
|--|----|
| 3.1 Recursos materiais e imateriais. Lugares e personagens, e suas contribuições à proposta. | 23 |
| 3.1.1 Mirante e Vila de Serra Grande, portal de entrada da APA Itacaré-Serra Grande... | 25 |
| 3.1.2 Fazenda Cultural Ouro Verde, dos mestres de capoeira Angola Cabello Caobijubá e Tisza Coelho. | 26 |
| 3.1.3 Viveiro Comunitário do Instituto Floresta Viva (IFV), com o técnico ambiental Nilson Antônio dos Santos. | 27 |
| 3.1.4 E Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC), com o engenheiro florestal Matheus Couto. | 28 |
| 3.1.5 Praia do Pé de Serra e Cabana Brazuka, com facilitação dos próprios participantes e de Valerie Nicollier. | 29 |
| 3.1.6 Águas doces e salgadas de Serra, com o pescador Tonho. | 30 |
| 3.1.7 Manã Paisagismo, arte-educação com Daniela Amaral. | 31 |
| 3.1.8 Sistemas Agro-florestais, na APA Itacaré-Serra Grande, com a ONG Movimento Mecenias da Vida (MMV). | 32 |

4. NARRATIVA DE UMA EXPERIÊNCIA E SEUS RESULTADOS

| | |
|--|----|
| 4.1 “Preâmbulos” do Verão Ecológico & Cultural: Inspirações do Vila Aprendiz. | 34 |
| 4.1.1 Bases conceituais do Vila Aprendiz e primeiro projeto de verão. | 34 |
| 4.1.2 Resultados da gincana cultural. | 36 |

| | |
|--|----|
| 4.2 Convite para um Verão Ecológico & Cultural em Serra Grande: Começa a nascer o Eco-loucos pela Vida. | 37 |
| 4.3 As jornadas semanais do Verão: Temas e dinâmicas. | 39 |
| 4.3.1 Decolando o verão no mirante mais bonito da Bahia. | 40 |
| 4.3.2 Cultura na mata: Nossas raízes africanas na Fazenda Cultural Ouro Verde. | 42 |
| 4.3.3 Reflorestamento e o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC). | 43 |
| 4.3.4 Recreação: Dança e aulas de montaria na Praia do Pé de Serra. | 45 |
| 4.3.5 Jornada com o pescador Tonho: Águas de Serra. | 47 |
| 4.3.6 “Bingo na natureza”. Apurando os sentidos e a expressão criativa. | 48 |
| 4.3.7 SAFs e neutralização de carbono: Os inestimáveis serviços da floresta. | 49 |
| 4.4 Conclusão do Verão e celebração final. | 51 |

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| | |
|--|----|
| 5.1 Conclusões, aprendizados e o futuro. | 54 |
| 5.1.1 Do significado e impactos da proposta. | 55 |
| 5.1.2 Do diálogo da proposta com a educação convencional. | 57 |
| 5.1.3 Do futuro e possibilidades da proposta. | 59 |

| | |
|--------------------------|----|
| REFERÊNCIAS. | 61 |
|--------------------------|----|

| | |
|--|----|
| APÊNDICE A: Relatos dos principais projetos. | 64 |
|--|----|

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Imagem aérea da poligonal do PESC e seu entorno. | 24 |
| Figura 2: Paisagem parcial a partir do Mirante de Serra Grande. | 25 |
| Figura 3: Entrada da Fazenda Cultural Ouro Verde. | 26 |
| Figura 4: Sementeiras de espécies nativas do Viveiro Comunitário. | 27 |
| Figura 5: “Escada de macaco” na trilha principal do PESC. | 28 |
| Figura 6: Vista parcial da praia do Pé de Serra. | 29 |
| Figura 7: Pescador Tonho. | 30 |
| Figura 8: Área de entrada da Manhã. | 31 |
| Figura 9: Encontro formativo entre colaboradores do MMV e agricultores. | 32 |
| Figura 10: Professores Edinho e Lia, colaboradores especiais da gincana cultural. | 36 |
| Figura 11: Exemplo de atividade lúdico-educativa na Prainha de Serra Grande. | 37 |
| Figuras 12a e b: Imagens ilustrativas do dia de atividade no Mirante de Serra Grande. | 40 |
| Figuras 13a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Fazenda Ouro Verde. | 42 |
| Figuras 14a e b : Imagens ilustrativas do dia de atividade no Viveiro do Floresta Viva. | 43 |
| Figuras 15a e b: Imagens ilustrativas da atividade na trilha do Parque do Conduru. | 44 |
| Figuras 16a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Cabana Brazuka e Praia do Pé de Serra. | 45 |
| Figuras 17a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividades com o pescador Tonho. ... | 47 |
| Figura 18a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Manhã Paisagismo. | 48 |
| Figuras 19a, b e c : Imagens ilustrativas do dia de atividades na propriedade rural de S. Edi. | 49 |
| Figuras 20a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de celebração final do Verão Ecológico & Cultural. | 51 |
| Figura 21: Imagem ilustrativa do encontro com uma centenária árvore na propriedade de S. Edi. | 53 |

RESUMO

Resumo do trabalho final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ecologia.

ECO-LOUCOS PELA VIDA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA PARA CUIDAR DA DIVERSIDADE DA VIDA NO SUL DA BAHIA

Por
CRISTINA LEAL FERREIRA
Agosto de 2015

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Pádua.

Este trabalho relata como se deu o surgimento de uma proposta genuína de aprendizagem, cuja intenção é contribuir localmente para a realização de uma “agenda diferente” em educação, de forma a promover uma “educação centrada na vida”: o Eco-loucos pela Vida. De uma maneira independente e informal, esta proposta de aprendizagem vivencial e criativa vem, desde 2010, com a simpatia da comunidade de Serra Grande (Uruçuca/BA) e de algumas instituições locais, estimulando pessoas de idades variadas para um processo de “descobertas” – das belezas, potenciais e desafios locais – e de “cuidado”: consigo mesmo e os demais, com a localidade e com o todo maior.

A presente dissertação tem assim três objetivos específicos:

- i) Compartilhar as bases conceituais na raiz do Eco-loucos pela Vida, desde as provocações humanizantes do “pequeno é belo”, de E.F. Schumacher, passando por autores que nos levam a superar nossa visão antropocêntrica de mundo, como a bióloga Rachel Carson e sua inigualável sensibilidade natural, o “pai” do movimento por uma Ecologia Profunda, Arne Naess, e os mestres da Alfabetização Ecológica, David Orr e Fritjof Capra; evocando também contribuições práticas, como as do jornalista Richard Louv e suas recomendações para curarmos a crescente lacuna entre nós e o mundo natural.
- ii) A partir dessas inspirações, resgatar o histórico do surgimento e desenvolvimento da proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida e suas características principais.

iii) Refletir sobre as lições aprendidas e o potencial de tornar esta proposta de aprendizagem local um exemplo inspirador para cuidar da riquíssima diversidade de vida no sul da Bahia.

Por meio dos resultados aqui alcançados, buscou-se contribuir para fortalecer e difundir o chamado do Eco-loucos pela Vida de “*descobrir juntos, e juntos aprendermos a cuidar uns dos outros e da vida de todas as espécies*”. Em outras palavras, de fazer aflorar – por meio de experiências de aprendizagem similares – nossa saudável “loucura” por todos os seres vivos e, com isso, nosso desejo e capacidade de cuidá-los.

Palavras-chave: Educação para a sustentabilidade, Alfabetização ecológica, Aprendizagem vivencial.

ABSTRACT

ECO-LOUCOS PELA VIDA: AN EXPERIENCE OF TRANSFORMATIVE LEARNING TO LOOK AFTER THE DIVERSITY OF LIFE IN THE SOUTH OF BAHIA

by
CRISTINA LEAL FERREIRA
August, 2015

Advisor: Prof. Suzana Pádua, PhD.

This dissertation recounts the birth of a genuine learning proposal, whose intent is to contribute locally to a different agenda in education, so that it promotes a life-centered education: Eco-loucos pela Vida. As an independent and informal learning initiative, since 2010, with the sympathy of both people from Serra Grande (in Uruçuca, Bahia) and some local institutions Eco-loucos pela Vida has been encouraging people of all ages (from five to seventy-years old) to take part in learning processes of *discoveries* – of the local beauty, its strengths and challenges – and *caring*, toward oneself, our fellow neighbors, our place, and the greater whole.

Focusing on the experience of Eco-loucos pela Vida, the present dissertation has then three main objectives:

- i) To share the conceptual sources of this learning initiative, departing from the humanizing, “small is beautiful” philosophy of E.F. Schumacher, reaching then authors that take us beyond our anthropocentric worldview, like the biologist Rachel Carson and her unique natural sensitivity, the eco-philosopher Arne Naess, and the Ecoliteracy masters, David Orr and Fritjof Capra, and accessing equally some practical insights, like those of journalist Richard Louv and his recommendations for the cure of the growing gap between us and the natural world.
- ii) To revive important parts of the learning initiative history and some of its main characteristics.
- iii) To reflect on the lessons learned and the potential of turning this initiative into an inspiring example of caring for the incredibly rich diversity of life in the south of Bahia.

Through the findings of the present work, the author aimed at contributing for strengthening and spreading around the call of Eco-loucos pela Vida of: *'discovering together; and, together, learning to care after one another and the life of all species'*. In other words, to make flourish – through similar learning experiences – our healthy 'craziness' for all living beings to and, consequently, our wish and capacity to look after them.

Keywords: Education for sustainability, Ecoliteracy, and experiential education.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Fontes de inspiração e objetivos

O volume de educação aumentou e continua a aumentar, e da mesma forma a poluição, a exaustão dos recursos e os perigos de uma catástrofe ecológica. Se é mais educação que nos irá salvar, deve ser então educação de um tipo diferente, que nos leve à profundidade das coisas e não se esgote numa infundável batalha com os sintomas (Schumacher, 1997, p. 208, tradução da autora).

Considera-se quase lugar comum a crença de que a educação é premissa fundamental de qualquer processo de transformação. No entanto, para o influente economista e pensador ambiental E.F. Schumacher, a “salvação” do reconhecido estado de catástrofe ecológica criado pela sociedade industrial dar-se-á apenas se formos capazes de fomentar **um tipo diferente de educação**, a qual possa levar-nos à **profundidade das coisas**.

Sim, mas educação diferente em que? O que seria esta “profundidade” e como alcançá-la?

Sabemos que o sistema de ensino que prevalece hoje nos ambientes formais de educação, baseado em transmissão de conteúdo/informação, direcionado para o mundo exterior e que não questiona premissas e valores não será o caminho para se chegar a este objetivo. Na verdade, o que se constata cada dia mais é que o tipo de educação prevalecente hoje se configura mesmo num grande obstáculo à transformação, em tempos que pedem uma mudança de visão de mundo e seres com maior capacidade crítica e criatividade para superar a crise de sustentabilidade no planeta.

Para o professor David Orr, autor com destacados trabalhos em temas como alfabetização e design ecológicos, o conceito ‘sustentabilidade’ implica uma mudança radical nas instituições e padrões considerados “normais”. A ecologia, segundo ele, deve estar na base do redesenho de tecnologias, cidades, do meio rural e de instituições educacionais. Orr (1992) também afirma que a verdadeira aprendizagem é participativa e vivencial, e não apenas didática, e que a educação relevante para o desafio de se construir uma sociedade sustentável irá aumentar a competência do aprendiz com

sistemas naturais. E o autor vai mais além quando escreve sobre o tipo de agenda que deve orientar a educação do futuro:

A educação pós-moderna deve ter uma agenda diferente, desenhada para a cura, a conexão, a liberação, o empoderamento, a criação e a celebração. Ela deve estar centrada na vida (Orr, 1992, p. x, tradução da autora).

Foi justamente o desejo de contribuir localmente para a realização desta “agenda diferente” e de promover uma “educação centrada na vida” que inspirou o surgimento do Eco-loucos pela Vida, uma proposta de aprendizagem vivencial e criativa, nascida no âmbito de um projeto educativo independente, o Verão Ecológico e Cultural de Serra Grande, e que vem, desde 2010, com a simpatia de diversas instituições locais e de pessoas da comunidade, estimulando “jovens de todas as idades” (de 05 a 70 anos!) da região para um processo de “descobertas” – das belezas, potenciais e desafios locais – e de “cuidado”: consigo mesmo, com os demais, com a localidade e com o todo maior.

Fomentar uma “saudável loucura” pela localidade onde temos o privilégio de viver e assim aumentar a competência e o sentido de cuidado dos “aprendizes de Serra Grande” com um sistema natural muito especial, o Mini-Corredor Ecológico Esperança-Conduru, é uma das principais ambições do Eco-loucos pela Vida.

A presente dissertação, além de compartilhar as bases conceituais e o histórico do surgimento e desenvolvimento desta iniciativa local em aprendizagem transformadora, também objetiva, a partir das lições aprendidas, trazer uma reflexão sobre o potencial de torná-la exemplo inspirador para cuidar da riquíssima diversidade de vida no sul da Bahia.

Assim sendo, poder-se-á dizer que esta dissertação terá sido bem sucedida na medida em que tiver contribuído para fortalecer e difundir – pela Bahia e pelo mundo – o chamado do Eco-loucos pela Vida de **“Descobrir juntos, e juntos aprendermos a cuidar uns dos outros e da Vida de todas as espécies.”**

2. MAIS INSPIRAÇÃO: FUNDAMENTOS QUE DERAM RAÍZES À PROPOSTA

2.1 O legado de um economista que levava em conta as pessoas e o meio ambiente

Enquanto o sol se punha, Fritz falou sobre como as árvores eram os mais poderosos dos instrumentos de transformação e que plantá-las e cuidar delas era um ato fundamental. Em sua opinião, as árvores eram o ponto de partida para se criar igualdade social e biológica entre os povos e as regiões da Terra (John Todd, tradução da autora).

Árvores como instrumentos de transformação, e o cuidado com elas ajudando a criar igualdade social e biológica no planeta? Para os céticos, ainda mais surpreendente é que tal afirmação tenha provido de um economista: o “Fritz”, mencionado no trecho acima, tirado do relato do biólogo e especialista em tecnologias alternativas John Todd é, na verdade, o economista alemão E. F. Schumacher, que pelas suas obras e ativismo nas décadas de 1960 e 1970 viria a ser reconhecido como um dos mais influentes pensadores ambientais da atualidade. Motivo de particular orgulho para a autora da presente dissertação, que traz em sua bagagem acadêmica uma formação em Ciências Econômicas, e tem o economista-filósofo alemão como grande inspirador de vida. Foi apenas após o “encontro” com Schumacher, que a autora passou a compreender em que tipo de economia poderia acreditar e desejaria ajudar a construir.

A principal obra de Fritz Schumacher, que contribuiu para alavancar todo um movimento pela superação da mentalidade economicista, segundo ele causa-raiz da destruição planetária, foi o livro *Small is Beautiful*, publicado em 1973. Em português, a obra ganhou o título de **O Negócio é Ser Pequeno**: Um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Neste livro, o autor alemão, que foi muito influenciado pelos conceitos de economia da permanência e tecnologia apropriada de Gandhi, faz uma crítica contundente e sensível à insustentabilidade do modo de vida (*life-style*) fomentado pelo sistema econômico moderno do mundo ocidental, e defende a longevidade de uma economia em escala humana, inspirada no valor da suficiência (*enoughness*) e baseada localmente.

Simples o quanto possam parecer – e nisto repousa boa parte do mérito do pensador –, as ideias de Schumacher renderam inúmeros e relevantes frutos, e fizeram, literalmente, escola: em 1990, um Centro de Estudos Ecológicos foi fundado na Inglaterra por ativistas socioambientais para ajudar a difundir e colocar em prática muitas das provocações por um outro tipo de desenvolvimento suscitadas pelo trabalho do economista alemão. E, como o próprio Schumacher defendia que a necessária transformação só se daria a partir de um tipo diferente de educação, que levasse à profundidade das coisas, era natural que este Centro, que ganhou o nome de Schumacher College, se tornasse um espaço integrado e integrador de construção de novos conhecimentos.

A proposta do “college” seria então trabalhar temas de ponta na busca pela sustentabilidade planetária a partir de uma abordagem holística, unindo o rigor intelectual ao sentir e ao fazer, a compreensão subjetiva (emocional e espiritual) à prática, sem esquecer as relações – dos mais diferentes tipos – como ingredientes indispensáveis no processo de aprendizagem. Afinal, como escreve o físico austríaco Fritjof Capra, um dos professores-fundadores da escola: “A forma de sustentar a vida é construir e manter a comunidade” (Capra, 2013, p. 276).

Esta instituição educacional, que integra uma iniciativa sociocultural e ambiental maior de revitalização de uma área rural a partir da arte, da ecologia e da justiça social, o Dartington Hall Trust, vem se consolidando como um espaço promotor de aprendizagem transformadora para a sustentabilidade. Deste espaço e seus processos de aprendizagem holística, a autora desta dissertação teve a oportunidade de nutrir-se no período de 2005 a 2008, enquanto estudante e voluntária do college, e de lá trazer significativa inspiração para a criação de iniciativas locais de aprendizagem, como é o caso do Eco-loucos pela Vida, que, em sua devida escala, muito se alinha com a missão atual daquela instituição, tal como pode-se ler em seu website:

Inspirar, desafiar e questionar os co-habitantes do planeta que somos para que encontremos o conhecimento saudável, a intuição e o encantamento na busca pelas soluções de que precisamos (<http://www.schumachercollege.org.uk> tradução e grifos da autora).

De uma maneira formidavelmente simples, poder-se-ia dizer “à la Fritz Schumacher”, a bióloga e escritora Margaret Wheatley, que trabalha novas abordagens de liderança

alinhadas às descobertas da física quântica, define a essência do college como “um espaço que, há 25 anos, reúne pessoas de diferentes partes do mundo para **aprenderem a nutrir e serem nutridas pela vida**” (tradução e grifos da autora). No momento da humanidade em que nos encontramos, no qual, segundo o teólogo e ativista socioambiental Leonardo Boff (2013), a vida está ferida de morte pela fome, sede, guerras, destruição do meio ambiente e ainda paira sobre todas as formas de vida a assombrosa ameaça das mudanças climáticas, poderia haver tarefa mais urgente do que aprender (ou reaprender?) a cuidar e nutrir a vida, assim como permitirmo-nos ser cuidados e nutridos por ela?

Na incomparavelmente bela região do Mini-Corredor Ecológico Esperança-Conduru, cenário que será melhor apresentado no capítulo seguinte deste trabalho, estes são desafios que sustentam a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida.

2.2 Alfabetização Ecológica, Ecologia Profunda e implicações práticas

Não podemos vencer a batalha pela salvação das espécies e do meio ambiente sem forjar um laço emocional entre nós e a natureza, pois não iremos lutar para salvar o que não amamos (Gould *apud* Orr, 2004, p. 140, tradução da autora).

Um passo importante para o resgate da nossa relação de cuidado e nutrição da vida, como coloca o biólogo evolucionista Stephen Jay Gould, citado por Orr (2004), é rearmos nossos laços emocionais com o mundo natural. Com um significativo trabalho nesta direção, através de um centro educacional que ajudou a fundar em Berkeley, na Califórnia, denominado de *Center for Ecoliteracy* (Centro para Alfabetização Ecológica), Fritjof Capra (2013) compartilha que, em suas escolas, o que se deseja é justamente criar experiências que levem as crianças a um relacionamento emocional com o mundo natural.

Sabemos que o sentido de encantamento está enraizado nas emoções, e segundo Lewis et. al (2000), tendemos a não esquecer capacidades que estejam ligadas a emoções, ao invés de fatos. Para Carson, em sua obra *Sense of Wonder* (1984), os fatos são como

sementes que, posteriormente, produzirão conhecimento; já as emoções e impressões sensoriais são o solo fértil no qual as sementes devem crescer. E a autora complementa:

Uma vez suscitadas as emoções – o sentido de beleza, o entusiasmo com o que é conhecido e desconhecido, um sentimento de simpatia, pena, admiração ou amor – então desejamos conhecer o objeto de nossa resposta emocional. [...] É mais importante abrir caminho para que a criança deseje o conhecimento do que submetê-la a uma dieta de fatos que ela ainda não está pronta para assimilar (Carson, 1984, p. 45, tradução e grifos da autora).

Neste sentido, o biólogo E. O. Wilson (1984) cunhou o termo “Biofilia” para falar da afinidade, da atração natural que temos pelos seres vivos, sentimento cuja nutrição, de acordo com David Orr (2004) é o ponto de partida para aumentar nosso sentido de conexão com a vida. Para Orr, nossas perspectivas biológicas e mesmo nossa sanidade dependem desta capacidade (para a biofilia). Mas o autor questiona: “Com todo nosso aparato tecnológico, ainda retemos uma afinidade inata pelo mundo natural?” (Orr, 2004, p. 139, tradução da autora).

Numa obra anterior, intitulada *Ecological Literacy: Education and the transition to a postmodern world*, de 1992, o próprio Orr reconhece que um conhecimento profundo de fatos da vida e do que a ameaça não nos irá salvar se faltar este sentimento de conexão, o qual não pode ser inteiramente colocado em palavras. E esta afirmação nos remete a outro pensador, que deixou um precioso legado de inspiração para a “conexão e o encantamento” com todas as formas de vida, o eco-filósofo norueguês Arne Naess, considerado o “pai” da Ecologia Profunda, movimento iniciado na década de 1970 como reação à visão convencional (superficial, segundo Naess) de ecologia, que defende a preservação do meio ambiente apenas por causa da sua importância para o ser humano. Na visão da Ecologia Profunda, cada ser vivo tem um valor intrínseco e os seres humanos são um fio particular na grande teia da vida.

Para Naess (1995), mudamos mais facilmente através do encorajamento e de uma percepção mais aprofundada da realidade e do nosso ser. O filósofo também defendia que a necessária mudança pela qual a sociedade moderna deve passar é mais uma questão de “terapia comunitária” do que de achados científicos. Precisamos, na verdade, **curar nossas relações com a comunidade mais ampla, a comunidade de todos os**

seres vivos, o que é reforçado pelo professor David Orr (1992) quando ele escreve sobre a necessidade de revitalizarmos e ampliarmos o conceito de cidadania para incluir a participação numa comunidade de humanos e seres vivos de dimensão planetária.

Trazendo essas reflexões para o mundo prático e de suas implicações para o universo da educação/aprendizagem, encontramos o trabalho do jornalista Richard Louv, especializado em questões que afetam as crianças, e autor da celebrada obra *Last Child in the Woods: Saving our children from nature-deficit disorder*, publicada inicialmente em 2005.

Neste livro, ainda sem tradução para o português, Louv explora o crescente distanciamento dos jovens do mundo natural e as implicações ambientais, sociais, psicológicas e espirituais desta tendência: “[...] como os jovens passam cada vez menos tempo em ambientes naturais, há um encolhimento dos seus sentidos fisiológicos e psicológicos, o que resulta numa diminuição da riqueza da experiência humana” (LOUV, 2008, p. 03, tradução da autora). O jornalista chegou até a cunhar um termo, *nature-deficit disorder* (distúrbio por déficit de natureza), para descrever os custos da alienação da natureza, dentre eles: redução do uso dos sentidos, dificuldade de atenção, taxas mais elevadas de doenças físicas e emocionais. E este distúrbio, segundo Louv, pode ser identificado tanto em indivíduos, como em famílias e comunidades. Por exemplo, estudos demonstram a relação entre a ausência ou dificuldade de acesso a parques e espaços abertos e o aumento nas taxas de criminalidade e depressão.

Ao mesmo tempo, o autor descreve pesquisas e exemplos práticos que confirmam a necessidade do contato com a natureza para o desenvolvimento integral e saudável de crianças e adultos. Acreditando que a qualidade da exposição/conexão com o mundo natural afeta nossa saúde ao nível das células, Louv também deseja demonstrar quão agraciados biológica, cognitiva e espiritualmente podem ser os indivíduos que desfrutam de conexões positivas com a natureza, e com isto ele espera inspirar um caminho de “re-união” entre as crianças (e as pessoas, de uma forma geral) e a natureza.

Em se tratando de explorar caminhos de “re-união” com a natureza, nada melhor do que evocar novamente inspirações da grande cientista e fundadora do movimento ambientalista contemporâneo, Rachel Carson, autora do clássico, cujo testemunho pela

beleza e integridade da vida tem formado muitas gerações de cuidadores do mundo vivente e de todas as suas criaturas. Carson (1984) resgatando o próprio processo de formação do seu ser ecológico e da forma de transmiti-lo às novas gerações, afirmou que “Para manter vivo o sentido inato de encantamento, uma criança precisa da companhia de, pelo menos, um adulto com quem possa compartilhar isto e redescobrir com ela a alegria, o entusiasmo e o mistério do mundo em que vivemos” (CARSON, 1984, p. 45, tradução da autora).

E é nesta direção que se desenvolve a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida desde 2010, misturando pessoas de todas as faixas etárias num processo de descoberta alegre e entusiasmada dos mistérios da Mata Atlântica do sul baiano e da inigualável diversidade de vida que ela abriga. E a proposta segue, igualmente, as “recomendações” do inspirador mestre da alfabetização ecológica, professor David Orr (2004), para quem devemos **introduzir os estudantes nos mistérios de lugares específicos, antes de dar-lhes acesso ao poder inerente do conhecimento abstrato**. Para Orr, um sinal de maturidade da inteligência é quando evoluímos para uma **sabedoria centrada na vida**, ou seja, quando temos a capacidade de nutri-la e protegê-la. E para fomentar esta verdadeira inteligência, torna-se necessário o conhecimento direto, em “primeira mão”, da natureza e o ensinamento de aspectos que, podemos imaginar, nos seriam transmitidos pela Mãe-Terra, como o silêncio, a humildade, o sentido do sagrado e da conexão, a beleza, a celebração e a restauração.

Com os passos já dados até o presente, que serão apresentados no capítulo 4 e apêndices desta dissertação, e o caminho que se vislumbra percorrer no futuro, explorados no capítulo 5, o desejo maior é que o Eco-loucos pela Vida se afirme como uma ação local de efetiva contribuição para evoluirmos nesta direção, de construção de uma sabedoria centrada na vida.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Recursos materiais e imateriais. Lugares e personagens, e suas contribuições à proposta

O Mini-Corredor Ecológico Esperança-Conduru tem sido o privilegiado “cenário ampliado”, a grande “sala de aula” na qual tem se desenrolado o processo de aprendizagem vivencial e criativa do Eco-loucos pela Vida. E o que vem a ser um corredor ecológico?

Um corredor corresponde a uma grande área de extrema importância biológica, composta por uma rede de unidades de conservação entremeadas por áreas com variados graus de ocupação humana e diferentes formas de uso da terra, na qual o manejo é integrado para garantir a sobrevivência de todas as espécies, a manutenção de processos ecológicos e evolutivos e o desenvolvimento de uma economia regional forte, baseada no uso sustentável dos recursos naturais. (BRASIL, MMA, 2006, p. 10).

Inserido no sul da Bahia (municípios de Ilhéus, Uruçuca e Itacaré), nosso Mini-Corredor engloba várias áreas protegidas. O mapa na página seguinte (Figura 1) destaca a principal delas, o Parque Estadual da Serra do Conduru, unidade de conservação de proteção integral, e seu entorno, perímetro onde tem se concentrado as atividades narradas do Eco-loucos pela Vida, parte delas relatadas nesta dissertação.

De especial importância está o fato de toda a região fazer parte do Corredor Central da Mata Atlântica, bioma considerado pela ONG americana Conservation International como um *hotspot*, que são as regiões biologicamente mais ricas e, ao mesmo tempo, as mais ameaçadas do planeta e, por essas razões, merecedoras de especial atenção em termos de atividades de conservação.

Para qualificarse como Hotspot, uma região deve preencher pelo menos dois critérios: abrigar no mínimo 1.500 espécies de plantas vasculares endêmicas e ter 30% ou menos da sua vegetação original (extensão da cobertura do habitat histórico) mantida. (Hotspots Revisitados, p. 06)

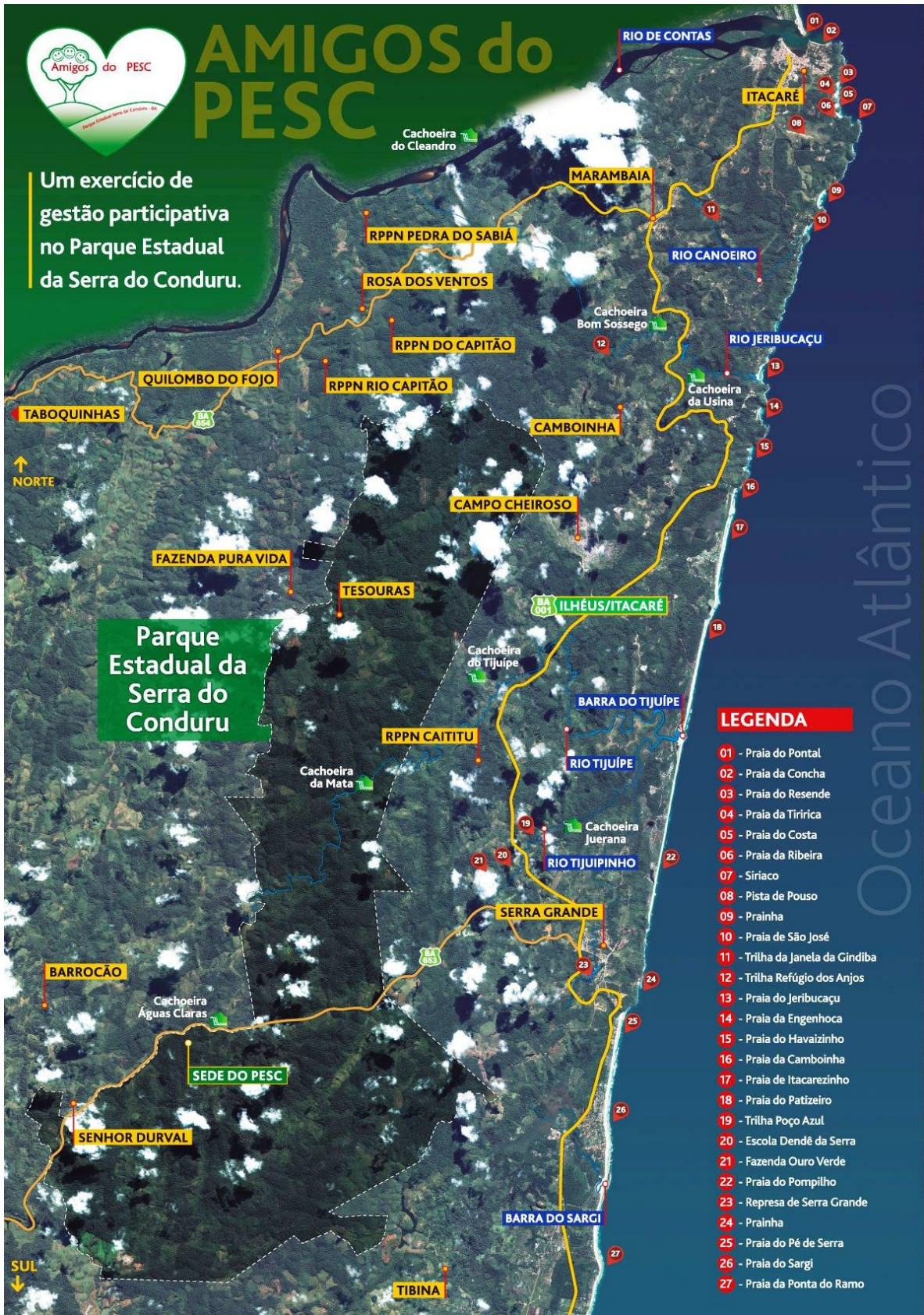


Figura 1: Imagem aérea da poligonal do PESCA e seu entorno.

Fonte: Folheto informativo do PESCA.

Assim sendo, este riquíssimo e singular patrimônio natural – formado por amplos trechos de Mata Atlântica, restingas, manguezais, rios, cachoeiras e praias – associado às suas características socioculturais, destaca-se como um dos lugares mais pitorescos do mundo, inspirando um “sentido de urgência” na sua proteção e cuidado. Diversas instituições locais e pessoas que aqui vivem atuam nesta direção. Bons exemplos podem ser encontrados no âmbito da Rede Esperança-Conduru⁴, alguns dos quais serão apresentados ao longo deste capítulo e no capítulo 4 do presente trabalho.

Para começar, adentrando nosso Mini-Corredor, encontramos diversos “mini-cenários”, espaços e recantos especiais que tem sido “personagens” das vivências e aprendizados proporcionados pelas jornadas realizadas pelo Eco-loucos pela Vida. Dar-se-á destaque aqui tanto aos lugares, quanto às pessoas e iniciativas que fizeram parte da programação do Verão Ecológico & Cultural 2010/11, projeto do qual se originou a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida, e apresentado com mais detalhes no capítulo 4.

3.1.1 Mirante e Vila de Serra Grande, portal de entrada da APA Itacaré-Serra Grande



Figura 2: Paisagem parcial a partir do Mirante de Serra Grande.
Fonte: Arquivo da autora.

O visual é de tirar o fôlego! Quase na metade do caminho da Rodovia entre Ilhéus e Itacaré, o Mirante de Serra Grande é parada obrigatória para quem quer admirar a beleza das praias locais. Dali podemos observar a grande faixa litorânea (30 km)

⁴ Iniciativa da sociedade civil deste território e que visa “integrar iniciativas que contribuam para a ampliação de consciências, o cuidado com a vida e a felicidade de todos”.

de águas azuis, calmas e mornas que, ao fundo, revelam a cidade de Ilhéus (<http://www.sulbahia.net/bahia/serragrande>).

Um lugar de, literalmente, “tirar o fôlego” e, paradoxalmente com a velocidade da contemplação; uma “parada obrigatória”, portal de entrada para a APA Itacaré-Serra Grande, que provoca encantamento à primeira vista e um convite para olharmos mais além. Todo este simbolismo explica porque o local foi escolhido para a decolagem do Verão Ecológico & Cultural 2010/11. O sentido de “Uau!” provocado por este cenário serviu para despertar outros sentidos e a curiosidade de todos com o que ainda estaria por vir.

3.1.2 Fazenda Cultural Ouro Verde, dos mestres de capoeira Angola Cabello Caobijubá e Tizza Coelho (Serra Grande, Uruçuca)



Figura 3: Entrada da Fazenda Cultural Ouro Verde.

Fonte: Arquivo da autora.

Ao encantamento pela beleza natural, junta-se o encantamento pelas manifestações culturais e, na Bahia, elas tem “cheiro” de África. E o coração da APA Itacaré-Serra Grande atraiu para si dois incansáveis guardiões e animadores das melhores tradições da cultura afro-brasileira, os mestres de capoeira Angola Cabello Caobijubá e Tizza Coelho,

discípulos de João Grande, um dos primeiros alunos de Pastinha, o “pai” da capoeira Angola.

Atuando com muita seriedade e leveza na região há mais de dez anos, Cabello e Tisza, como são carinhosa e mundialmente conhecidos, tem trazido contribuições singulares para a vida cultural do lugar, em especial do vilarejo de Serra Grande:

Iniciamos nosso trabalho em 2003, na Fazenda Cultural Ouro Verde, e somos a iniciativa Sócio educacional, de ação continuada, mais antiga da Vila de Serra Grande – um centro cultural permanente da vila e casa/escola do centro de Capoeira Angola Ouro Verde. Nosso Evento DanceBatuKeira tem atraído para região, nos últimos anos, mais de duas mil pessoas contribuindo diretamente com o comércio da região e da Vila de Serra Grande (<http://barracaodangola.com/pt/>).

Na Fazenda Cultural Ouro Verde, além da presença marcante da exuberante Mata Atlântica, pode-se respirar a pura cultura afro-brasileira, em especial aquela voltada para a Capoeira Angola (enquanto jogo, dança e tradição). O espaço proporciona oportunidades únicas de intercâmbio com outras culturas, uma vez que recebe, durante o ano todo, visitantes do Brasil e de diversas partes do mundo.

A principal oportunidade que este “mini-cenário” e os mestres proporcionaram aos participantes do Verão Ecológico & Cultural foi a de demonstrar sua inteligência corporal e senso rítmico, através da dança afro e da capoeira Angola, mesclando esta experiência com as trocas com pessoas de diferentes culturas.

3.1.3 Viveiro Comunitário do Instituto Floresta Viva (IFV), com o técnico ambiental Nilson Antônio dos Santos



Figura 4: Sementeiras de espécies nativas do Viveiro Comunitário.

Fonte: Arquivo da autora.

Fruto da parceria entre o Instituto Floresta Viva e a Fundação SOS Mata Atlântica, foi inaugurado em 21 de abril de 2009, o Viveiro Comunitário Floresta Viva, inicialmente para atender a demanda de mudas de espécies florestais nos projetos de restauração no Parque Estadual da Serra do Conduru. Atualmente, o viveiro abriga um programa de pesquisa com a equipe de Ecologia e Fisiologia Vegetal da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (<http://www.florestaviva.org.br/index.php/viveiros>).

3.1.4 E Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC), com o engenheiro florestal Matheus Couto



Figura 5: “Escada de macaco” na trilha principal do PESC.

Fonte: Arquivo da autora.

O Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC) é uma Unidade de Conservação de proteção integral, que foi criada em 21 de fevereiro de 1997, pelo decreto n.º 6227 do Governo do Estado da Bahia, como medida compensatória à construção da Rodovia BA-001, trecho Ilhéus/Itacaré. O PESC – detentor de uma das maiores biodiversidades do planeta e com elevado grau de endemismo (ocorrência de espécies que só existem aqui) – possui uma área de 9.275 hectares [...].

O nome do Parque é uma homenagem ao Conduru – (*Brosimum Rubescens*) – árvore de madeira nobre e muito valorizada que é encontrada nas florestas ombrófilas do Sul da Bahia. Como a região apresenta um relevo ondulado e com algumas fortes elevações – que se assemelham a uma serra – a Unidade de Conservação foi batizada como Parque Estadual da Serra do Conduru (<http://www.parquedoconduru.org/>).

Ambos os “mini-cenários”, Viveiro e Parque, são espaços de pura celebração da vida, seja aquela que continua, espontaneamente, existindo por si e cresce nas mais variadas formas da fauna, da flora e mineral, seja a vida que, para existir, precisa da atenção e do cuidado humano, crescendo na forma de mudas e pesquisas, como no Viveiro Comunitário. E tais percepções puderam ser exploradas intelectual e sensorialmente pelos participantes do projeto, com a generosa orientação do técnico ambiental Nilson Antônio dos Santos e do engenheiro florestal Matheus Couto, ambos colaboradores do IFV no ano de 2010.

Estes “mini-cenários”, que transpiram vida, são um convite natural para se explorar a compreensão do significado de “interdependência” e, conseqüentemente, da importância que existe (e que jamais deveria ser esquecida) da relação entre vida humana e todas as formas de vida. Oportunidade única de aprendizagem sobre um novo “nós”, buscando a verdadeira re-união entre ‘eu humano’ e ‘eu natureza’. Exercício de pura Ecologia Profunda, em total sintonia com o primeiro princípio da Carta da Terra:

RESPEITAR E CUIDAR DA COMUNIDADE DA VIDA

1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.

a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos (Carta da Terra, p. 2).

3.1.5 Praia do Pé de Serra e Cabana Brazuka, com facilitação dos próprios participantes e de Valerie Nicollier, coordenadora do Vila Aprendiz



Figura 6: Vista parcial da praia do Pé de Serra.
Fonte: Arquivo da autora.

Com areia fina e águas calmas, excelente para banho, a Praia do Pé de Serra agrada por acolher diversas opções de lazer. Com grande extensão é ótima para caminhadas e para a prática de esportes à beira mar como o frescobol. Para os mais agitados oferece trechos bons para o surf e também voos de parapente. [...] O vai e vem das jangadas que pescam, a cerca de 5 milhas da costa, bem perto do recifes, também atraem os olhares de todos que passam por ali (<http://www.serragrande.net/>).

Uma cabana numa praia que lembra o “paraíso”. Um “mini-cenário” que, em tudo, convida ao lazer num dia de sol. Para a proposta educativa do Eco-loucos pela Vida, o espaço e a praia não se furtaram a demonstrar como também podem se transformar em “sala de aula”, na qual se pode explorar o corpo, enquanto fonte de saúde física e mental, tanto quanto fonte de criações lúdicas. Aliado a tudo isso, há ainda a oportunidade de se explorar o sentido mais puro de liberdade, por meio da conexão com o mar: a amplitude do oceano aliada à infinidade do céu.

E o mais “inusitado” da experiência, ficou por conta de Valerie Nicollier, coordenadora do Movimento Vila Aprendiz, um dos principais apoiadores do projeto. Neste dia a educadora ofereceu a todos a companhia de seus belos cavalos para uma aula de montaria à beira mar.

3.1.6 Águas doces e salgadas de Serra, com o pescador Tonho



Figura 7: Pescador Tonho.

Fonte: Arquivo da autora.

Poços intercalados por pequenas quedas d’água são uma constante ao longo do Rio Tijuipinho, no município de Uruçuca. Trilhas ladeadas de mata atlântica levam

até à cachoeira, onde a melhor pedida é aproveitar a natureza, se banhando no lago formado pelas cascatas. Adiante, a apenas 1 km, se pode relaxar e se deleitar nas águas escuras do Poço do Robalo, com pouco mais de 1 metro de profundidade (<http://bahia.com.br/atracao/cachoeira-do-ze-maria-e-do-poco-do-robalo/>).

Num “mini-cenário” repleto de águas doces e salgadas, que se destaca por ainda conservar a tradição da pesca artesanal e das jangadas, não poderia faltar um intercâmbio com um “mestre” desta arte.

Tonho, nativo de Serra Grande e que traz do “berço” a tradição da pesca artesanal, revelou-nos trilhas apenas conhecidas por quem é “do ramo”, e nelas nossas percepções foram se moldando ao que os olhos veem, o corpo sente e as emoções permitem, traduzindo em nós as águas que a nada resistem, apenas desviam, se moldam e prosseguem.

Assim, de uma forma generosa e singela, se apresentou este “mini-cenário”, que em tudo convida a prosseguir, acompanhando o fluxo das águas e experimentando sua sabedoria moldável.

3.1.7 Manã Paisagismo, arte-educação com Daniela Amaral



Figura 8: Área de entrada da Manã.

Fonte: Arquivo da autora.

A Manã realiza projetos, implantação e manutenção de jardins. Dispondo de um viveiro com espécies de plantas nativas e ornamentais, horta orgânica e artigos para jardim. Localizada em uma linda fazenda com restaurante e trilha para rio Tijuípe (<http://www.serragrande.net/itacare/megabusca.php?what=mana&lang=pt>).

Neste empreendimento à beira da BA 001, no caminho de Serra Grande para Itacaré, a natureza e seus elementos, em especial a flora, recebem tratamento para se transformarem em produtos de encantamento paisagístico: produtos para serem vistos e apreciados, quais obras de arte, em jardins e ambientes selecionados.

O “mini-cenário” da Manhã é um convite a se trabalhar o sentido artístico (beleza, harmonia, cores, texturas e nuances) a partir de tudo o que não é e pode ser transformado em arte, bem como o que, naturalmente, já se configura arte. E no Verão Ecológico & Cultural, o convite foi realizado e belamente conduzido pela arte-educadora Daniela Amaral, que em 2010/2011 também realizava trabalhos de arte-terapia na Escola Rural Dendê da Serra, expoente da pedagogia Waldorf no Brasil, localizada no distrito de Serra Grande.

3.1.8 Sistemas Agro-florestais, na APA Itacaré-Serra Grande, com a ONG Movimento Mecenaz da Vida (MMV)



Figura 9: Encontro formativo entre colaboradores da ONG e agricultores.

Fonte: Arquivo MMV.

A Área de Proteção Ambiental Costa de Itacaré/Serra Grande possui, aproximadamente, 56 mil hectares, dentro dos quais se localizam os núcleos urbanos do município de Itacaré (e do distrito de Taboquinhas), assim como o núcleo urbano de Serra Grande, o qual pertence ao município de Uruçuca. Além desses núcleos urbanos, existem dezenas de comunidades rurais espalhadas por toda a região, entre assentamentos rurais, remanescentes de quilombos e posseiros (<http://mecenazdavida.org.br/quem-somos/onde-estamos>).

Toda a beleza e riqueza da natureza na região são inquestionáveis, bem como suas singulares características socioculturais. Mas os desafios são, igualmente, numerosos. Do ponto de vista social, a realidade do entorno das áreas protegidas se constitui, na maioria das vezes, numa ameaça à conservação. As famílias de agricultores tradicionais, distribuídas nas comunidades rurais – dentre elas comunidades quilombolas, assentamentos e posses – são, em sua maioria, analfabetas ou com muito pouca escolaridade. Elas não possuem a documentação das propriedades, nem contam com orientação para produzir. Ou seja, suas sobrevivências dependem da agricultura de subsistência, baseada em corte e queima, extração de madeira e da caça. Para se contrapor a esta realidade, alguns esforços institucionais estão sendo realizados na região com o intuito de integrar essas comunidades à cadeia produtiva do turismo, buscando transformar os pequenos agricultores em protagonistas da conservação ambiental, e melhor qualificando o tipo de turismo que acontece na região.

No “mini-cenário” da propriedade de uma família de agricultores tradicionais, que está inserida nos programas de apoio e orientação da ONG Mecenaz da Vida, a realidade acima descrita pode se transformar. Ali tudo se encontra e se conecta. Gente e natureza.

Como preservar a natureza vivendo nela e dela? Como abrigar a “casa” que nos abriga, longe dos recursos da cidade? Como podemos abrigá-la (a natureza ou parte dela) no panorama da cidade? Como compreender que tudo o que é realizado requer a atenção cuidadosa da relação “ação e reação”?

Estas e outras questões são exploradas a fundo e na prática através do trabalho que a instituição desenvolve há quase uma década na APA Itacaré-Serra Grande, e no qual o Eco-loucos pela Vida também teve e continua tendo o privilégio de se inspirar para a sua própria caminhada.

4. NARRATIVA DE UMA EXPERIÊNCIA E SEUS RESULTADOS

4.1 “Preâmbulos” do Verão Ecológico & Cultural 2010/11: Inspirações do Vila Aprendiz

É possível fazer educação sem escola? Dá para fazer uma escola embaixo do pé de manga? (Tião Rocha, apud Gravatá et. al, 2013, p. 76).

Mangueiras abundam na pequena Serra Grande, distrito litorâneo do município cacaueiro de Uruçuca, Bahia. Seus charmosos recantos são um convite natural à vida e aos aprendizados em comunidade, a começar pelo grande “tapete verde” da sua praça central, na qual descansa uma jangada, símbolo maior da tradição pesqueira-artesanal do vilarejo, e a celebrada represa, espaço preferido de encontro e lazer da comunidade local.

Foi neste “mini-cenário” e região singulares, que nasceu, em 2008, o Movimento Vila Aprendiz, cuja parceria foi essencial para o nascimento da proposta de aprendizagem vivencial e criativa do Eco-loucos pela Vida.

Não é objetivo da presente dissertação detalhar o histórico e funcionamento do Vila Aprendiz, importante iniciativa por uma educação de qualidade aliada ao desenvolvimento local, fomentada pelo Instituto Arapyau⁵ por quase seis anos em Serra Grande. Mas, estando a história do Eco-loucos pela Vida “embrionariamente” ligada a este Movimento, não se poderia deixar aqui de honrá-lo e de demonstrar como se deu a parceria.

4.1.1 Bases conceituais do Vila Aprendiz e primeiro projeto de verão

A citação de Tião Rocha na introdução deste capítulo não é “por acaso”. As ideias e práticas do educador, antropólogo e folclorista mineiro Tião Rocha em muito contribuíram para a construção das bases conceituais do Vila Aprendiz. Para Tião, a educação só acontece no plural. Numa experiência de trabalho em Moçambique, ele aprendeu que é preciso uma aldeia para se educar uma criança. Nutrindo uma crença similar, o Vila

⁵ Fundação privada que tem como proposta articular organizações e lideranças, conhecimentos e ações que promovem a transformação da sociedade: <http://www.arapyau.org.br/quemsomos.html>

Aprendiz almejava mobilizar todo o vilarejo de Serra Grande em prol de uma educação local de qualidade e o Movimento definia-se pelas seguintes características:

- a) Valorização de diferentes tipos de conhecimento;
- b) Conhecimento local como ponto de partida;
- c) Troca de saberes entre diferentes culturas, classes sociais e gerações e
- d) Valorização da estética e da ética.

Em 1984, Tião Rocha fundou o CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, uma organização de aprendizagem, com foco em desenvolvimento de comunidades. E duas das principais perguntas na origem da ONG eram: “*É possível fazer educação sem escola? Dá para fazer uma escola embaixo do pé de manga?*”. No Vila Aprendiz, por sua vez, a intenção não era “acabar” com as escolas, mas sim estimulá-las a explorar e fazer uso, com fins de aprendizagem, dos diferentes recursos (culturais e de espaços físicos) disponibilizados pelas singulares características da charmosa Serra Grande, com sua privilegiada localização, entre a mata e o mar.

*Porque lugar de criança é na rua. Na praça, no coreto. [...] Quem disse que a rua é ruim? **Quero que a rua também seja vista como espaço de aprendizagem** (Tião Rocha, *apud* Gravatá et. al, 2013, p. 79, grifo da autora).*

No verão 2009/2010, período naturalmente sem aulas escolares, o desafio era dar continuidade aos avanços já alcançados junto à comunidade no sentido de ampliar seu entendimento e prática em relação ao que é aprendizagem e onde ela acontece. Com esta finalidade, começou a ser pensado o projeto de uma gincana cultural, cujo objetivo principal era estimular, por meio de uma série de oficinas lúdico-educativas, muitas das quais realizadas ao ar livre, o “sonhar” de jovens e crianças da Vila e, não menos importante, sua criatividade na expressão e realização desses sonhos. O entusiasmante lema da gincana passou a ser então “Sonha Grande, Serra Grande!”.

O projeto se desenrolou ao longo de todo o verão e contou com a facilitação de dois professores da escola municipal local, educadores de especial carisma entre os jovens,

José Edson Tourinho e Maria de Lourdes Alves, carinhosamente conhecidos como Edinho e Lia, respectivamente.



Figura 10: Professores Edinho e Lia, colaboradores especiais da gincana cultural.

Fonte: Arquivo da autora.

O papel dos educadores foi o de estar à frente, convidando os jovens para as oficinas semanais e animando-os à participação em cada uma delas, nas quais diferentes “linguagens criativas” eram trabalhadas por educadores voluntários. Houve oficinas de pintura, desenho, corte e costura, culinária, música, dança, caminhadas, cavalgadas e outras. A ideia era exercitar corpo e imaginação para que, ao final do verão, os participantes estivessem prontos para expressar seus sonhos acessando os diferentes estímulos dos quais foram nutridos.

4.1.2 Resultados da gincana cultural

Participaram da gincana cerca de 30 crianças e jovens, moradores de Serra Grande na faixa etária de 08 a 16 anos. O que se pode observar foi uma adesão muito espontânea e alegre às oficinas. O nível de presença e pontualidade superaram todas as expectativas dos educadores envolvidos, que muitas vezes precisavam pedir aos jovens participantes que chegassem no horário combinado e não tão antes disso. Ou seja, o nível de motivação dos participantes em relação à proposta foi surpreendente.

Assim, o principal resultado do processo como um todo foi a constatação da “sede” das crianças e jovens locais por este tipo de proposta de aprendizagem. Da expressão final dos sonhos, atividade culminante da gincana, o que ganhou especial destaque foi o desejo de todos por **mais “aventuras ao ar livre” e oportunidades de expressão artística**: através da música, dança, teatro e outras. Em resumo, acesso ao conhecimento do próprio lugar e do seu lugar no mundo?

Esses “recados” não poderiam deixar de ser ouvidos, e serviram de inspiração para um passo maior, dado no verão seguinte, através do projeto Verão Ecológico & Cultural.

4.2 Convite para um Verão Ecológico & Cultural em Serra Grande: Começa a nascer o Eco-loucos pela Vida



Figura 11: Exemplo de atividade lúdico-educativa na Prainha de Serra Grande.

Fonte: Arquivo da autora.

Como já mencionado, o Verão Ecológico & Cultural 2010/2011 nasceu com a intenção de “ouvir” um pouco dos desejos e sonhos expressos pelos participantes da gincana cultural do Vila Aprendiz no verão anterior: sonhos de aventuras na natureza e de mais

oportunidades de contato com expressões artísticas; de conhecer melhor o próprio lugar e seu potencial, bem como os potenciais individuais de cada participante.

O propósito do projeto, desenhado pela autora em parceria com a educadora Diana Nuzzone, e que contou também com contribuições de voluntários do Vila Aprendiz, era ***promover um mergulho no potencial ecológico-ambiental & sócio-cultural da região, por meio de jornadas temáticas semanais compostas de expedições de campo e mini-eventos abertos à comunidade.***

Como “princípios orientadores” do projeto, destacavam-se:

- i) Promover um “mergulho”/imersão em experiências transformadoras;
- ii) Estimular o conhecimento e a apreciação da singularidade da paisagem, valores e habilidades locais;
- iii) Desenvolver capacidades para criar (em grupo e com o entorno) novas realidades e
- iv) Celebrar a megadiversidade!

Após um levantamento inicial, junto à equipe de voluntários envolvida, de possíveis temas de relevância para a realidade local, listou-se como principais sugestões os seguintes: 1) Reflorestamento e o Parque do Conduru; 2) A jangada e a pesca artesanal; 3) A Vila Verde; 3) Matas e trilhas interpretativas; 4) Águas de Serra: praias, rios e cachoeiras e 5) Culturas agro-florestais.

Por fim, a mesma equipe definiu as características básicas do projeto:

- a) Seriam convidados inicialmente os participantes da gincana cultural (de 2009/2010), seus responsáveis e pessoas por eles indicados;
- b) A duração seria de janeiro a meados de março de 2011;
- c) Os participantes diretos seriam no máximo 30 jovens e crianças (de 08 a 17 anos) e 10 a 15 adultos (mães ou avós), distribuídos em dois grupos. Quando não acompanhados de suas mães ou avós, os menores de idade precisavam apresentar uma autorização por escrito do respectivo responsável;

- d) O limite para o número de participantes indiretos (convidados dos mini-eventos temáticos semanais) dependeria do local de realização dos encontros;
- e) As expedições de campo semanais teriam duração de oito horas para os jovens e de quatro horas para o grupo de mães/avós e suas crianças;
- f) Os mini-eventos semanais (aos sábados ou domingos) aconteceriam em espaços rotativos na Vila, organizados/liderados pelos participantes diretos e as coordenadoras e educadores voluntários;
- g) A coordenação geral estaria a cargo da autora e da educadora Diana Nuzzone, que contariam com o apoio de educadores voluntários e instituições locais, de acordo com o tema selecionado para a semana;
- h) O Vila Aprendiz seria o principal apoiador financeiro, contribuindo principalmente com a logística de transporte e alimentação das expedições semanais; haveria também uma bolsa-auxílio às coordenadoras, equivalente ao salário de um educador municipal com 20h de dedicação e
- i) A conclusão do projeto se daria com uma gincana, seguida de uma celebração final.

Com os principais detalhes arredondados foi dada a partida, em 08 de janeiro de 2011, ao Verão Ecológico & Cultural, iniciativa no âmbito da qual, como ver-se-á mais adiante, nasceu a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida.

4.3 As jornadas semanais do Verão: Temas e dinâmicas

Como relatado na sessão anterior, os principais temas e a forma vivencial e criativa de trabalhar os mesmos haviam sido definidos em linhas gerais. Não existia uma agenda fechada, estabelecendo a sequência e quem (instituição e/ou educadores) estaria à frente de cada uma das jornadas. Como em qualquer proposta que valoriza a criatividade, o espaço para as “novidade” (propriedades e estruturas emergentes) foi não apenas preservado, mas nutrido ao longo de todo o processo.

Ser líder é criar uma visão; é ir aonde ninguém jamais esteve. É também habilitar a comunidade como um todo a criar alguma coisa nova. **Facilitar o surgimento espontâneo de coisas novas é facilitar a criatividade** (Capra, 2005, p. 132, grifo da autora).

A programação de cada semana era decidida pela coordenação, responsável, como na citação de Capra acima, por facilitar a criatividade. Alguns fatores eram observados, tais como: i) resultados objetivos (número de participantes) e subjetivos (atitudes e comportamentos) observados na semana anterior; ii) interesses e sugestões manifestados pelos participantes; iii) oferecimento de espaços e/ou de educadores voluntários; iv) atenção a acontecimentos/eventos especiais no período; condições climáticas apropriadas para o tipo de atividade, entre outros.

Na sequência a seguir, são apresentados *flashes* das principais expedições de campo semanais do Verão Ecológico & Cultural 2010/2011, com destaque para os locais visitados – brevemente introduzidos no capítulo 3 –, os temas e formas como foram trabalhados, intercalados com trechos de depoimentos dos participantes, colhidos ao final do Verão, sobre as impressões que a iniciativa como um todo deixou em cada um.

4.3.1 Decolando o verão no mirante mais bonito da Bahia



12a)



12b)

Figuras 12a e b: Imagens ilustrativas do dia de atividade no Mirante de Serra Grande.

Fonte: Arquivo da autora.

O primeiro dia de atividades do Verão Ecológico & Cultural consistiu numa caminhada de fim de tarde ao Mirante de Serra Grande (Figuras 12a e 12b), localizado na BA 001 e considerado um dos mais belos da Bahia. Dali se pode avistar o encontro de mata e mar, e a longa extensão das praias do Pé de Serra e Sargi, as principais de Serra Grande. A intenção era proporcionar aos participantes um primeiro “**choque de beleza**”, para trabalhar os sentidos e aguçar a curiosidade de todos com o que ainda estaria por vir.

“Pude conhecer vários lugares que eu nem imaginava existir, apesar de morar muito tempo aqui. Às vezes, imaginamos lugares que existem, mas não sabemos. Então, acho que esses projetos não deveriam parar e sim buscar mais pessoas e mostrar as belezas que elas querem destruir” (Jovem participante do projeto).

O depoimento acima, de uma adolescente, vai de encontro à afirmação de um professor da Green School, uma das mais conceituadas e inspiradoras “escolas verdes” do mundo e apresentada em detalhe no livro de Gravata et al. (2013). Segundo este professor, o **encantamento com a natureza é o estopim da consciência ambiental**. Ele acredita que seu papel é despertar nos jovens um sentido de “Uau!” diante da natureza, tema trabalhado de forma primorosa por Carson (1984) em seu livro *Sense of Wonder*.

Além de despertar um sentido de “Uau!” nos participantes, a caminhada ao mirante foi, ao mesmo tempo, um momento inicial para o grupo se conhecer e compartilhar entre si suas expectativas para o Verão.

4.3.2 Cultura na mata: Nossas raízes africanas na Fazenda Cultural Ouro Verde



13a) Aula de dança afro na Ouro Verde.



13b) Recreação na represa da Fazenda.



13c) Confraternização na hora do almoço.

Figuras 13a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Fazenda Ouro Verde.

Fonte: Arquivo da autora.

O intuito deste dia foi conhecer de perto o Dancebatukeira, evento internacional de dança, percussão e capoeira Angola, promovido pelos mestres Cabello Caobijubá e Tisza Coelho na região há mais de dez anos.

Além de participar de uma aula de dança afro (Figura 13a), os jovens se divertiram nas águas das belas represas da fazenda (Figura 13b) e tiveram oportunidade de interagir

com os participantes do evento, provenientes de diferentes partes do Brasil e do mundo, durante o almoço (Figura 13c).

Um dia que proporcionou a todos mergulhar nas raízes da própria cultura e abrir seus horizontes culturais, como podemos observar neste depoimento, de outra jovem participante:

“Os passeios abriram portas e uma nova oportunidade surgiu para as pessoas que nunca visitaram uma floresta ou coisas mais culturais. Foi uma linda experiência”
(Jovem participante do projeto).

4.3.3 Reflorestamento e o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC)



14a) Técnico Nilson e suas mudas



14b) E o engenheiro florestal Matheus

Figuras 14 a e b: Imagens ilustrativas do dia de atividade no Viveiro do Floresta Viva.

Fonte: Arquivo da autora.

A partir deste dia de atividade, o projeto já estava com os dois grupos constituídos, o dos jovens, que havia dado início às suas expedições em 08 de janeiro de 2011, e o das crianças com suas mães ou avós.

Ambos os grupos percorreram, em dias diferentes, o mesmo roteiro, que começou com um acolhimento do técnico Nilson Antônio (Figura 14a) ao Viveiro do Instituto Floresta

Viva, ONG local que realiza importante trabalho de restauração florestal e educação ambiental. Nilson compartilhou com todos o passo a passo do cultivo de mudas para o reflorestamento da região, em especial do Parque do Conduru. O engenheiro florestal Matheus Couto (Figura 14b) também acompanhou os grupos nessas jornadas, trazendo profundidade ao tema do reflorestamento e trabalhando o reconhecimento de espécies nas trilhas do Parque (Figuras 15a e 15b).



15a) Participantes percorrendo a trilha do PESC. 15b) Abraço especial à árvore centenária.

Figuras 15a e b: Imagens ilustrativas do dia de atividade na trilha do Parque do Conduru.

Fonte: Arquivo da autora.

Ainda na sede do PESC, os grupos participaram de uma vivência inspirada na dinâmica denominada de “Conselho de Todos os Seres”, criada pela ativista ambiental Joanna Macy, na qual as pessoas são levadas a se identificar e assumir o papel (e a voz) de algum outro ser do mundo natural, em nosso caso, da floresta do Parque.

Assim como um ex-cortador de cana, participante dos projetos do CPCD, de Tião Rocha, muitos dos participantes saíram desta jornada com a compreensão ampliada de que “a natureza é uma grande vida formada por vidinhas pequenas” (GRAVATÁ et al, 2013, p.

85). Pequenas, e não menos importantes, como também foi a impressão deixada num grupo de senhoras participantes do Verão:

“Liberdade de conhecer outros ambientes na natureza onde vivemos. Novos amigos. Integração com bichos, plantas e gente (baixinhos)” (Senhoras participantes do projeto)

4.3.4 Recreação: Dança e aulas de montaria na Praia do Pé de Serra



16a) Aula de dança (Zumba) na área do restaurante.



16b) Aula de cavalgada.



16c) Jovem conduzindo cavalgada da criança.

Figuras 16a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Cabana Brazuka e Praia do Pé de Serra.

Fonte: Arquivo da autora.

Segundo Louv (2008) citando um estudo de professores da Universidade de Michigan, ambientes e atividades que fascinam, nos quais a atenção é automática, possibilitam repouso à atenção direcionada. Em outras palavras, o fator “fascinação” da natureza é restaurador. E este foi um dia dedicado especialmente à “restauração pessoal”. Tempo de descontrair, banhar-se no mar, requebrar ao ritmo da Zumba (Figura 16a) e desfrutar de uma oportunidade única: cavalgar na praia (Figuras 16b e 16c), atividade guiada por Valerie Nicollier, coordenadora do Vila Aprendiz. Outra poderosa ação restauradora.

O resultado do dia foram “almas mais leves” e com um renovado sentido de pertencimento ao local:

“Os passeios proporcionaram a todos uma nova visão do que realmente Serra Grande e proximidades têm de belo, a curiosidade que nos fez conhecer melhor tais belezas nos aproximou também mais e mais daquilo que sempre convivemos, mas nunca tão próximos: ‘a natureza’” (Jovem participante do projeto).

4.3.5 Jornada com o pescador Tonho: Águas de Serra



17a) Tonho conduzindo participantes na trilha.



17b) Vista panorâmica de uma das trilhas.



17c) Jovens brincando numa canoa tradicional.

Figuras 17 a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividades com o pescador Tonho.

Fonte: Arquivo da autora.

Neste dia de muito sol, o pescador Tonho foi quem se encarregou de proporcionar a todos “vivências sensoriais” únicas, revelando trilhas frequentadas por ele e seus colegas de pescaria (Figuras 17a e 17b) e a indescritível beleza da Barra do Tijuípe, onde alguns jovens puderam se aventurar num passeio de canoa (Figura 17c), emprestada de outro pescador tradicional.

Aqui podemos nos remeter novamente às “recomendações” do professor Orr (2004), para quem devemos levar os sentidos à sério em todos os níveis da educação, o que implica

em promover imersões em componentes específicos do mundo natural – como rios, montanhas e florestas, antes de introduzir as pessoas em níveis mais avançados do conhecimento disciplinar. E para Orr é também importante convidar, como mentores e exemplos a seguir, pessoas com um comprovado grau de “inteligência ecológica”, além de coragem e criatividade. Quem cumpriu este papel de forma singular neste dia foi o pescador Tonho.

4.3.6 “Bingo na natureza”. Apurando os sentidos e a expressão criativa



18a) Jovens na trilha do Rio Tijuípe.



18b) Dinâmica do “bingo na natureza”.



18c) Atividade de arte com elementos naturais.

Figuras 18a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividade na Manã Paisagismo.

Fonte: Arquivo da autora.

Na trilha que leva da Manã Paisagismo, na BA 001, em Serra Grande, ao rio Tijuípe (Figura 18a), foi lançado um desafio de percepção visual, auditiva e olfativa dos diferentes elementos naturais encontrados no trajeto: era o “bingo na natureza” (Figura 18b), desenhado e facilitado pela educadora e arte-terapeuta Daniela Amaral.

Renovados pelo mergulho no rio, no caminho de volta, a tarefa foi coletar folhas, galhos secos, bem como sementes encontradas no solo para um trabalho individual de produção artística natural (Figura 18c). O capricho de todos na execução da “obra de arte” chamou a atenção da facilitadora e pode ser corroborado pelo depoimento abaixo, de uma senhora participante: *“Tudo que é feito, merece ser bem feito!”*. No dia da celebração final do projeto, as “obras de arte” foram expostas, como vemos nas figuras 20 a, b e c (p. 51).

4.3.7 SAFs e neutralização de carbono: Os inestimáveis serviços da floresta



19a) Integração entre participantes, membros da ONG e família do agricultor.



19b) Participantes ouvindo sobre SAFs.



19c) E admirando a floresta.

Figuras 19 a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de atividades na propriedade rural de S. Edi.

Fonte: Arquivo MMV.

E a “grand finale” do Verão Ecológico & Cultural se deu na última semana de fevereiro de 2011, com atividades na propriedade do agricultor tradicional Edivaldo de Jesus Santos, conhecido como Edi. Neste dia, todos os participantes – crianças, jovens e algumas mães e avós – se reuniram para um rico intercâmbio com a família do agricultor e a equipe da ONG Mecenias da Vida (Figura 19a), “anfitriã” da jornada naquele dia, que esteve centrada nos temas: Neutralização de Carbono e SAFs (sistemas agroflorestais).

Uma semana antes, na Pousada Ilha Verde, em Itacaré, a equipe da ONG havia conversado com o grupo sobre aquecimento global, e demonstrado como os empreendimentos da região, a exemplo da pousada, podem interferir positivamente nessa questão e contribuir para a conservação da APA Itacaré-Serra Grande e a qualidade de vida dos agricultores tradicionais que ali vivem.

O dia na roça foi uma oportunidade de total integração: entre conceito e prática, entre gerações, entre aprendizes e mentores (Figuras 19b e 19c). Um dia para concluir, com “chave de ouro”, as expedições de campo do Verão, e começar a celebrar o nascimento da proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida!

4.4 Conclusão do Verão e celebração final

No início de março de 2011, crianças, jovens e adultos participantes do Verão Ecológico & Cultural e seus convidados se reuniram para uma celebração final. Quadros e cartazes produzidos pelos participantes foram expostos aos convidados, como podemos ver nas Figuras 20a, 20b e 20c abaixo:



20a) Participantes admirando os trabalhos.



20b) Crianças explorando o significado das fotos.



20c) Quadro representando floresta produzido por participantes.

Figuras 20 a, b e c: Imagens ilustrativas do dia de celebração final do Verão Ecológico & Cultural.

Fonte: Arquivo da autora.

Também fez parte da celebração apresentações poéticas dos participantes, as quais foram espontaneamente inspiradas pelas emoções das vivências do Verão, a exemplo de uma composição musicada resumindo sentimentos de alguns dos jovens do grupo após o encontro afetoso com uma centenária árvore, por ocasião da visita à propriedade do agricultor tradicional Edi, na zona rural de Itacaré (Figura 21). E este desprezioso encontro também deixou marcas numa outra jovem participante, como podemos ler em seu depoimento:

“A importância pra mim foi ver a beleza que é a Bahia... Foi bom também para vermos que, ao invés de desmatar, devemos preservar... (dedicado à Árvore da Vida)” (Jovem participante do projeto).



Figura 21: Imagem ilustrativa do encontro com uma centenária árvore na propriedade de S. Edi.

Fonte: Arquivo da autora.

No melhor da tradição oral local, foram também relatados algumas das experiências vividas, os conhecimentos adquiridos e, muito especialmente, **a alegria do encontro com pessoas, iniciativas e lugares diferentes**, como resumido nos seguintes depoimentos de dois adolescentes:

“Aprendi muitas coisas legais, conheci vários lugares que eu particularmente não conhecia e também conheci pessoas muito interessantes, que passaram a ser uma família através do Verão Ecológico & Cultural” (Jovem participante do projeto).

“O Verão Ecológico & Cultural para mim foi um meio de fazer novos amigos e conhecer novos lugares e pessoas. Gostei do verão porque pude estar em maior contato com a natureza” (Jovem participante do projeto).

4.4.1 Desdobramentos do Verão: o chamado à continuidade

A intenção manifestada naquele dia de culminância do Verão Ecológico & Cultural 2010/2011 era de, dali em diante, dar prosseguimento ao exercício de “descobrir juntos”, e aliar essas descobertas à possibilidade de atuar, de fazer algo pela vida, pela natureza, pelo lugar onde se vive. Pode-se dizer que **o chamado à continuidade do Eco-loucos pela Vida** foi a principal mensagem que ficou daquele momento de celebração.

Como belamente resumido por uma jovem participante em seu depoimento, tudo foi um “grande desenvolvimento” e, “com a força do amor e da vontade”, muito mais ainda poderia estar por vir:

“Foi uma coisa de pessoas guerreiras. Um grande desenvolvimento. Uma criação de jovens, adultos e idosos. Somos responsáveis por tudo que acontece neste mundo. Somos os guerreiros da Luz. Com a força do amor, de nossa vontade, podemos mudar o nosso destino, e o destino de muita gente, porque na verdade nós somos os Eco-loucos pela Vida” (Jovem participante do projeto).

A “sementinha” estava ali, desejando se manifestar e trazer novos e belos frutos de aprendizagem para a região. Hoje, decorridos mais de quatro anos do Verão neste capítulo relatado, já se pode relatar alguns desses frutos, incluindo cinco outros “experimentos” maiores de aprendizagem, projetos que fazem parte do histórico do Eco-loucos pela Vida, três dos quais (i, ii e iii) estão no **Apêndice A** desta dissertação:

- i. Aprendizes da Conservação, no âmbito do Conselho Gestor do PESC (2011).
- ii. Participação no projeto “Sensibilizar Brincando: Um caminho para a educação ambiental”, parceria com estudantes da Universidade de Girona (Espanha) e a ONG Mecenas da Vida. (Verão 2011/12).
- iii. II Verão Ecológico & Cultural, parceria com o projeto “Amigos do PESC”. (Verão 2012/13).
- iv. II fase da parceria com o “Amigos do PESC” (Junho a dezembro de 2013).
- v. A vez dos “aprendizes”: Um verão para aplicar as lições aprendidas. (Verão 2013/14).

Além desses projetos, inúmeras outras atividades pontuais aconteceram, muitas das quais conduzidas pelos jovens que participam há mais tempo da proposta. Uma diversidade de ações, algumas mais, outras nada estruturadas. Cada uma, à sua maneira, contribuindo para despertar “**aprendizes do próprio lugar**” e resgatar nas pessoas que aqui vivem o **sentido de pertencimento** a uma região singular, cujas vidas que abriga merecem ser muito bem resguardadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Conclusões, aprendizados e o futuro

Mais “aventuras ao ar livre” e mais oportunidades de expressão artística: para a música, a dança, o teatro e outras. Acesso ao conhecimento do próprio lugar, e do seu lugar no mundo. Esses foram os desejos, “sonhos” expressos por crianças e jovens participantes da gincana cultural “Sonha Grande, Serra Grande!”, realizada no verão 2009/2010 e brevemente relatada no capítulo 4 desta dissertação.

O que veio a seguir, o projeto Verão Ecológico & Cultural 2010/11, iniciativa educativa independente que a autora ajudou a desenhar e coordenar – igualmente relatada no capítulo 4 do presente trabalho – foi uma tentativa de ouvir aqueles anseios. E o fruto maior desta – na avaliação da autora – bem sucedida tentativa foi o nascimento de uma proposta genuína de aprendizagem criativa e vivencial, o Eco-loucos pela Vida, igualmente resultado de um “exercício de escuta”: dos anseios da comunidade e do local, bem como das necessidades de transformação que os nossos tempos pedem, expressas de maneira ímpar na Carta da Terra:

“A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida” (Carta da Terra, p.1).

Assim como proposto pelo teólogo e ativista pelas causas sociais e ambientais, Leonardo Boff (2000), a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida é movida pela crença de que sem uma educação sustentável, o lugar onde vivemos e a terra não serão

espaços de vida, de aconchego e de cuidado. O cuidado se configura, portanto, numa das principais atitudes que devemos resgatar neste tempo de destruição planetária, chamado feito de forma contundente pelo sociólogo e pensador da educação, o colombiano Bernardo Toro, para quem ou cuidamos, ou pereceremos todos. Toro defende que devemos mudar do atual paradigma de êxito, de ganhar, vencer para o **paradigma do cuidado**. E a proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida tem isto muito destacado no seu chamado: *“Descobrir juntos, e juntos **aprendermos a cuidar uns dos outros e da Vida de todas as espécies.**”*

Como já citado em Gould (1991), cuidamos melhor daquilo que conhecemos, por isso tem sido também uma das principais realizações do Eco-loucos pela Vida, ao longo dos seus mais de quatro anos de atuação informal em Serra Grande, fomentar, entre as pessoas que aqui nasceram e vivem, o conhecimento dos potenciais, desafios e belezas da própria região e o conhecimento uns dos outros, entre as pessoas de diferentes gerações e origens sociais que tem passado pelos programas, vivências e encontros “eco-loucos”.

Decorridos quatro anos de “experimentos de aprendizagem”, o mestrado da ESCAS⁶ e a presente dissertação se apresentaram como uma oportunidade para não apenas resgatar as bases de inspiração e o histórico dos principais acontecimentos do Eco-loucos pela Vida, como feito nos capítulos precedentes (e apêndices), mas igualmente para se realizar um balanço dos principais aprendizados deste percurso e vislumbrar desafios para o futuro. E é este balanço, que conta também com contribuições advindas de diálogos com pessoas que – direta ou indiretamente – fizeram e/ou ainda fazem parte desta história, que será apresentado na sequência.

5.1.1 Do significado e impactos da proposta

Compreendendo que, em sua raiz etimológica, educar significa conduzir para fora, “extrair” aquilo que o indivíduo traz dentro de si, e relacionando tal compreensão com a hipótese da Biofília de E.O. Wilson (1984), segundo a qual somos portadores de um impulso natural, uma afinidade pela vida, podemos chegar à seguinte síntese da “missão

⁶ Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade. Mais informações em www.escas.org.br

educativa” do Eco-loucos pela Vida: *fazer aflorar nossa saudável “loucura” por todos os seres vivos e, com isso, nosso desejo e capacidade de cuidá-los.*

Há, no entanto, um passo prévio a esta “extração” (do que cada um traz em si) e que deve ser explorado: trata-se da descoberta deste “eu interior”; em outras palavras, de dar vida, trazer à luz o que “somos”, nossa “vocação”. Dessa forma haverá maior possibilidade de um melhor cuidado de si, dos outros e da vida.

Enquanto os espaços formais de educação produzem pessoas mais informadas, experimentos vivenciais de aprendizagem como o Eco-loucos pela Vida tem **maior potencial de suscitar nas pessoas um melhor conhecimento de si e do seu ambiente**. Neste sentido, uma significativa contribuição da proposta aos seus participantes, consistiria, uma vez fortalecida, neste convite ao autoconhecimento, o que por si representa tanto um chamado à transformação pessoal (educar significa conduzir para fora) quanto uma importante contribuição ao todo maior (ao fazer aflorar nossa saudável “loucura” por todos os seres vivos e, com isso, nosso desejo e capacidade de cuidá-los).

A potencial transformação já observado em pessoas que tem passado pelos experimentos “eco-loucos” de aprendizagem é notável pelo reconhecimento e cuidado despertados em relação à vida contígua (natureza, amizade, relacionamentos), como podemos notar no depoimento de uma jovem participante:

“Nunca tinha vivido uma experiência tão boa como esta. Conhecer lugares novos e rever outros que já conhecia foi muito bom. Um projeto como este não devia nunca acabar, porque nos faz parar e pensar no que estamos fazendo com a nossa vida e nossa natureza” (Jovem participante do projeto).

Segundo O’Sullivan, Morrell e O’Connor (2002), a **aprendizagem transformadora** envolve experimentar uma mudança estrutural profunda em nossas premissas básicas de pensamento, sentimentos e ações. Trata-se de uma mudança de consciência que altera, de forma dramática e permanente, nossa forma de estar no mundo. E tal mudança envolve nossa compreensão de nós mesmos e do nosso lugar.

Pela sua ressonância com este desafio de ‘mudança de consciência’, pode-se dizer que a proposta de aprendizagem o Eco-loucos pela Vida configura-se como transformadora. E podemos observar “resultados embrionários”, como no depoimento de outra jovem participante do Verão 2010/2011:

*“Os passeios nos proporcionaram aprender coisas que antes era quase impossível. O Verão Ecológico & Cultural foi **uma nova forma de vermos o mundo e nos tornarmos loucos pela vida**”* (Jovem participante do projeto, grifo da autora).

Ao mesmo tempo, para que tal mudança altere – como escrito anteriormente – **dramática e permanentemente** nossa forma de ser e estar no mundo, faz-se necessário um trabalho continuado e de mais longo prazo, condições ainda não alcançadas pela proposta de aprendizagem do Eco-loucos pela Vida, que em geral tem-se limitado a ações por períodos curtos e limitados de tempo, conduzidas, principalmente de forma voluntária.

5.1.2 Do diálogo da proposta com a educação convencional

O que é melhor para nós e para o todo maior? A atual “avalanche” de informação da sociedade do conhecimento não assegura a prática fundamental de valores e princípios; por sua vez, autoconhecimento unicamente não garante a evolução desejável de vários processos importantes para a melhoria da vida no planeta, contribuições inegáveis da informação/conhecimento.

Diante de tal constatação, o modelo convencional de educação, eficaz em transmitir informações (nomeando-as de conhecimento), deveria abrir-se a propostas cuja riqueza de experiências estimule o autoconhecimento, e assim teríamos mais chance de promovermos uma educação mais completa, que honre e evoque diversos tipos de inteligências.

Uma vez mais, tal como no mundo natural, é o consórcio de esforços e potenciais que irá assegurar a manutenção de um todo saudável. O casamento de perspectivas, com a sua

natural mistura, pode significar um modelo de educação mais amigável ao espírito humano e ao planeta. Em entrevista recente ao site da ESCAS, o professor Palmieri afirmou que o entendimento de que a educação de uma forma geral, e em particular a educação ambiental, seja algo próprio das escolas é limitante:

A educação ambiental não está restrita ao espaço escolar, pelo contrário, ela deve ser uma educação cidadã presente em nosso cotidiano. E deve tratar das questões do contexto de cada pessoa. Parafrazeando Marina Silva, é fácil dizer o que o outro deve fazer no ambiente dele, mas devemos começar cuidando do nosso ambiente. (PALMIERI, 2015)

Complementarmente, sabemos que o verdadeiro sentido de empoderamento vem de uma combinação entre **intelecto e coração**, e que para transmitirem isto os educadores devem antes realizar este trabalho em si próprios. Além disso, a facilitação de qualquer processo de aprendizagem transformadora demanda **intenção** por parte do educador, nascida da própria experiência, de que outras pessoas sejam estimuladas a explorar a mudança epistemológica de forma colaborativa. Todo esse processo também se dá a partir da interação entre o “estado de prontidão” do aprendiz e a qualidade do ambiente de aprendizagem, como uma “propriedade emergente” desta interação.

Uma vez que estas condições são de difícil reprodução em ambientes de aprendizagem mais “ortodoxos”, talvez caiba a instituições e propostas de aprendizagem mais “radicais” o papel de arriscar, testar e mapear essas novas possibilidades pedagógicas, que no futuro poderão ser incorporadas por instituições mais formais de ensino/aprendizagem. E o desejo do Eco-loucos pela Vida é, da sua perspectiva local, continuar se apresentando como um desses “atores radicais” em busca de novas possibilidades pedagógicas.

5.1.3 Do futuro e possibilidades da proposta

Como, ainda que por meio daquilo que o sistema de ensino convencional nomeia de inter ou multidisciplinaridade, o educador pode incluir propostas vivenciais de aprendizagem se a avaliação que lhe cabe fazer leva em conta apenas o que os estudantes absorvem de informação, sem considerar o que descobrem sobre si e o seu ambiente de variados modos?

Como mobilizar educadores para práticas mais holísticas quando eles próprios são pressionados pelo grande número de informações que tem a obrigação de processar, transmitir, e mensurar, em tempos cada vez mais reduzidos e escassos?

Como honrar processos que subentendem tempo de qualidade para a sua realização num sistema educacional cujas demandas se orientam por acúmulo de informação?

Orr, em seu livro *Earth in Mind* (2004), bastante referenciado ao longo desta dissertação lança um chamado para um movimento de milhares de jovens equipados com a visão, determinação moral e profundidade intelectual necessárias para a reconstrução de nossas comunidades ao redor do planeta. E o autor é categórico ao afirmar que a educação de que esses jovens dispõem hoje não será de muita valia nesta tarefa. Segundo ele, nossos jovens devem se tornar **estudantes/nativos dos próprios lugares**. E a fim de seguir dando sua contribuição localmente para este movimento chamado por Orr – de formar estudantes/nativos dos próprios lugares –, faz-se necessária a conquista de novos e apaixonados educadores, inclusive daqueles que aceitem o desafio de atuar dentro de sistemas que em nada os favorece para a causa.

Louv (2008), outro escritor que também trouxe inspirações especiais para a autora desta dissertação, defende que em tempos de crescente exaustão (física, mental e espiritual), o impacto de experiências ao ar livre também para os educadores formais não deve ser subestimado. Segundo o autor, nossos educadores merecem, igualmente ou talvez até mais, oportunidades de exposição às qualidades restauradoras da natureza.

Mas, numa proposta como a do Eco-loucos pela Vida, quem são os aprendizes e quem são os educadores? O que se constata é que aqui os papéis saudavelmente se confundem, provocando o seguinte questionamento: Será mais completo um modelo de ensino/aprendizagem no qual tal simbiose naturalmente ocorra e proporcione uma troca mais “igualitária” de conhecimentos e percepções?

Colaborando para a resposta, as lições aprendidas pelo Eco-loucos pela Vida revelam algumas dicas para os que desejarem oferecer e vivenciar experiências similares:

i. Planejar e realizar as atividades de maneira participativa, buscando temas e sentidos a partir da vida e realidades locais; praticar a gestão compartilhada das responsabilidades.

- ii. Provocar o aprofundamento do olhar tanto em relação ao lugar onde se vive, quanto em relação ao “outro”, indo além dos clichês e aparências.
- iii. Dar ênfase à compreensão e prática do “cuidado” (consigo, com os demais e com o entorno imediato e maior).
- iii. Transformar as curiosidades manifestadas em oportunidades de conhecimento; criar formas criativas de se trabalhar as aspirações trazidas pelas pessoas do grupo.
- iv. Ao se trabalhar com crianças e jovens, conquistar não apenas o “aval” dos responsáveis, mas envolvê-los na compreensão da proposta.
- v. Provocar o educador/talento de todos, oferecendo a cada um – independentemente da idade – a oportunidade de ensinar/doar aquilo que sabe aos demais.
- vi. Estimular que cada pessoa manifeste e aprimore sua maneira de ser dentro do grupo.
- vii. Honrar e evocar também o “papel educador” do meio e dos mais diversos seres.
- viii. Honrar e abrir oportunidades de expressão para as mais diversas “inteligências”, envolvendo educadores (formais e informais) de variadas áreas do saber.
- xix. Fazer aflorar um propósito e identidade de grupo capazes de contagiar participantes, colaboradores externos e futuros “cúmplices”.

E é na direção da conquista de novos e apaixonados “cúmplices” para a sua proposta – seja entre seus componentes mais experientes (de diferentes faixas etárias), seja entre “educadores formais” – que deseja avançar o Eco-loucos pela Vida, e assim também fazer avançar, a seu modo e na escala que lhe corresponde, as aspirações poéticas e pragmáticas da nossa Carta da Terra: “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida” (Carta da Terra, p. 7).

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Disponível em < <http://bahia.com.br/>>. Acesso em 02 de junho de 2015.
- BARRACAO D'ANGOLA. Disponível em <<http://barracaodangola.com/pt/blog>>. Acesso em 02 de junho de 2015.
- BOFF, L. **A Voz do Arco-Íris**. Brasília: Letraviva, 2000.
- _____. **Carta Pública ao Papa Francisco: uma assembléia pela vida na terra**. Disponível em < <http://leonardoboff.wordpress.com/2013/09/25/carta-publica-ao-papa-franciscouma-assembleia-pela-vida-na-terra/>> Acesso em 01 de outubro de 2013.
- BRASIL. **O Corredor Central da Mata Atlântica: Uma nova escala de conservação da biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2006.
- CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação no século 21**. In: GRAVATÁ, A. et al. **Volta ao mundo em 13 Escolas: Sinais do futuro no presente**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.
- _____. **As Conexões Ocultas: Ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CARSON, R. **The Sense of Wonder**. New York: Harper and Row, 1984.
- CARTA DA TERRA. Disponível em < <http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/carta-da-terra>> Acesso em: 20 de maio de 2015.
- CENTER FOR ECOLITERACY (Centro para Alfabetização Ecológica). Disponível em <<http://www.ecoliteracy.org/>>. Acesso em 28 de maio de 2015.
- CPCD, Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Disponível em < <http://www.cpcd.org.br/>>. Acesso em 12 de maio de 2015.
- DARTINGTON HALL TRUST. Disponível em < <https://www.dartington.org/>>. Acesso em 02 de junho de 2015.
- GOULD, S. J. September. Enchanted Evening. Natural History, p. 14.
- GRAVATÁ, A. et al. **Volta ao Mundo em 13 Escolas: Sinais do futuro no presente**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.
- GREEN SCHOOL. Disponível em <<http://www.greenschool.org/>>. Acesso em 26 de maio de 2015.

HOTSPOTS REVISITADOS

<<http://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Documents/HotspotsRevisitados.pdf> pág. 06>. Acesso em 28 de agosto de 2015.

IFV, Instituto Floresta Viva. Disponível em <<http://www.florestaviva.org.br>>. Acesso em 05 de junho de 2015.

LEWIS, T., AMINI, F., and LANNON, R. **A General Theory of Love**. New York: Vintage Books, 2000.

LOUV, Richard. **Last Child in the Woods: Saving our children from nature-deficit disorder**. North Carolina: Algonquin Books, 2008.

MACY, Joanna. **Ensaio sobre o Conselho de Todos os Seres** (em inglês). Disponível em <<http://www.joannamacy.net/resources/deepecology/111-joanna-macy-council-of-all-beings-july2002.html>>. Acesso em 01 de junho de 2015.

MESTRE JOAO GRANDE. Disponível em <<http://www.joaogrande.org/>>. Acesso em 26 de maio de 2015.

MMV, Movimento Mecenias da Vida. Disponível em <<http://meceniasdavid.org.br>>. Acesso em 28 de maio de 2015.

NAESS, A. **Self-realization: an ecological approach to being in the world**. In: DRENGSON, Alan; INOUE, Yuichi. **The Deep Ecology Movement: An introductory anthology**, North Atlantic Books, 1995.

ORR, D. **Earth in Mind: on education, environment, and the human prospect**. Washington: Island Press, 2004.

_____. **Ecological Literacy: education and the transition to a postmodern world**. New York: State University of New York Press, 1992.

O'SULLIVAN, E., MORRELL, A. & O'CONNOR, M. (eds.) **Expanding the Boundaries of Transformative Learning: Essays on theory and praxis**. New York: Palgrave Macmillan, 2002.

PALMIERI, R. Entrevista disponível em <<http://www.escas.org.br/escas/noticias/35-a-importancia-da-educacao-socioambiental-uma-entrevista-com-o-professor-roberto-palmieri>>. Acesso em 09 de junho de 2015.

PESC, Parque Estadual da Serra do Conduru. Disponível em <<http://www.parquedoconduru.org/>>. Acesso em 20 de maio de 2015.

SERRA GRANDE, Uruçuca (BA). Disponível em <<http://www.sulbahia.net/bahia/serragrande>> e <<http://www.serragrande.net/>>. Últimos acessos em 02 de junho de 2015.

SCHUMACHER COLLEGE (UK). Disponível em <<https://www.schumachercollege.org.uk/>>. Último acesso em 05 de junho de 2015.

SCHUMACHER, E.F. **In This I believe and other essays**. Dartington: Green Books, 1997.

_____. **O Negócio é Ser Pequeno**, um estudo de economia que leva em conta as pessoas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

TODD, J. **Uma categoria econômica baseada na ecologia**. Disponível em <<http://poesiacontraaguerra.blogspot.com.br/2012/02/uma-categoria-economica-baseada-na.html>>. Acesso em 20 de maio de 2015.

TORO, B. **É preciso saber cuidar**. Disponível em<<http://afichacaiu.wordpress.com/tag/tedx-amazonia/>>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

WEATHLEY, M. Disponível em <<http://margaretwheatley.com/a-path-for-warriors-for-the-human-spirit/>>. Acesso em 29 de maio de 2015.

WILSON, E. O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

APÊNDICE A

Relatos dos principais projetos:

- i. Aprendizes da Conservação
- ii. Sensibilizar Brincando
- iii. II Verão Ecológico & Cultural



Descobrir juntos, e juntos aprendermos a cuidar uns dos outros e da vida de todas as espécies.



Primeiros desafios e parcerias: “Aprendizes da Conservação” e Projeto “Sensibilizar Brincando”

I. “Aprendizes da Conservação”

E o primeiro desafio da proposta de “aprendizagem transformadora” representada pelo Eco-loucos pela Vida foi apresentado pelo Grupo de Trabalho em Educação Ambiental do Conselho Gestor do PESC (Parque Estadual da Serra do Conduru) em meados de 2011: realizar uma formação-piloto que ajudasse a promover a visibilidade do Parque e o envolvimento dos diferentes atores sociais que com ele se relacionam. Esta formação recebeu o nome de “Aprendizes da Conservação”.

“Se abrissemos hoje nossa sensibilidade para os valores da floresta, talvez se tornasse mais fácil redefinir o que entendemos por qualidade de vida. Quem sabe, pode estar faltando uma enorme borboleta azul para nos conduzir para casa, onde os frutos de nossas decisões sempre nos aguardam em mesa farta.” (Atrás de uma Borboleta Azul, Marina Silva)

Inspirada pelo “poema da Borboleta Azul”, um dos objetivos da formação era abrir a **sensibilidade** das pessoas para os **valores da floresta** abrigada pelo PESC, despertando nos participantes um interesse genuíno pela conservação ambiental e, como resultado principal, fazendo-os se sentir guardiões da biodiversidade da região, tendo no Parque e entorno seus locais de aprendizagem e atuação.



Oficina de identificação botânica, com teoria na Casazul e prática na Trilha do Poço Azul.

A formação teve a duração de 5 meses e dela participaram cerca de 20 jovens, moradores de Serra Grande e arredores, que já faziam parte do Eco-loucos pela Vida.

A cada mês era realizado um encontro, no qual se combinavam exposições teóricas e vivências/experiências sensoriais. Os temas e locais onde se deram os encontros formativos foram os seguintes:

- i. Histórico do PESC (com Marcelo Barreto, Gestor do Parque, no Viveiro do Instituto Floresta Viva);

- ii. Regeneração florestal no Parque com ênfase em sua rica biodiversidade florística (com o Professor-doutor Daniel Piotto, no PESC);
- iii. Mamíferos da nossa Mata Atlântica (com o pesquisador *Leonardo Neves* – IESB, na Casazul/Instituto Arapyáú);
- iv. Identificação botânica para uso no ecoturismo (com o Engenheiro-Florestal Salvador Ribeiro – Mecenass da Vida, na Trilha do Poço Azul) e
- v. Introdução a técnicas de condução de visitantes em trilhas e interpretação da natureza (com *Luiz Fernando Vieira Pozza* – Mecenass da Vida, na Trilha da Praia da Engenhoca, Itacaré).

A formação-piloto foi concluída no mês de dezembro. Com a descontinuidade do Grupo de Trabalho em educação ambiental que a havia concebido, não foi pensada e oferecida uma ampliação da mesma, como era a ideia inicial. O principal resultado que se pode extrair desta experiência foi a oportunidade, desfrutada por alguns estudantes do ensino médio de Serra Grande, participantes do Eco-loucos pela Vida, de se aproximarem mais e conhecerem melhor, e por diferente ângulos, a Unidade de Conservação singular, que é o Parque Estadual da Serra do Conduru (PESC), estabelecendo, ao mesmo tempo, contato com um grupo de profissionais e ativistas da conservação ambiental na região.

De certa forma, a proposta de formação acabou também servindo de base e inspiração para ações de educação ambiental que se desenvolveriam no ano seguinte, em 2012, com a chegada do projeto “Amigos do PESC”, como será relatado mais adiante.

II. Projeto “Sensibilizar Brincando, Um caminho para a educação ambiental”

No verão de 2011/12, um chamado surpreendente para uma parceria internacional! A convite de estudantes de Ciências Ambientais da Universidade de Girona (Espanha) e da ONG local Mecenass da Vida, o grupo foi convidado a colaborar no aperfeiçoamento do projeto “Sensibilizar brincando! Um caminho para a educação ambiental”, que seria desenvolvido, no período de fevereiro de 2011 a abril de 2012, na APA Itacaré/Serra Grande e, em seguida, apresentado como trabalho de conclusão de curso das estudantes catalãs Núria Perujo, Berta Codina e Carlota Gonzalez.

O objetivo era sensibilizar, por meio de jogos e brincadeiras, crianças e jovens para a prática da conservação ambiental, valorizando, em especial, o papel do agricultor tradicional como produtor e agente conservador da natureza. A premissa era que, ao brincar, “absorvemos” conceitos sem nos darmos conta.

Antes de iniciarem as atividades com o Eco-loucos pela Vida, as estudantes passaram duas semanas em Taboquinhas, distrito rural de Itacaré, convivendo com famílias de agricultores tradicionais, assimilando o dia-a-dia e a cultura do povo da roça, a fim de incorporar elementos locais ao repertório de jogos e brincadeiras do projeto, facilitando assim a assimilação dos mesmos pelas crianças e jovens da região.

O projeto também tinha como missão formar jovens multiplicadores, capazes de levar para diferentes ambientes as mensagens educativas dos jogos e brincadeiras desenvolvidos pelas universitárias catalãs.

E esta foi uma das razões da parceria com o Eco-loucos pela Vida, cujos participantes já vinham trabalhando a questão da conservação ambiental na região através de processos de aprendizagem criativa. Além disso, o grupo deu início, no início de 2012, à formação dos “Eco-louquinhos pela Vida”, uma proposta voltada para crianças de 05 a 11 anos, convidadas pelos próprios Eco-loucos, que passariam a atuar como monitores de experiências de aprendizagem criativa para os mais novos.

O projeto “Sensibilizar Brincando” foi também acolhido por várias instituições e empreendimentos de Serra Grande, que disponibilizaram seus espaços para a realização das atividades/vivências, como foram os casos de Instituto Arapyáú, Manã Paisagismo, Pousada Serrazul, Escola Dendê da Serra, Fazenda Cultural Ouro Verde, Fazenda Juerana Milagrosa, Cachoeira do Tijuípe e Cabana Brazuka. Este acolhimento foi fundamental para a proposta de aprendizagem que estava sendo desenvolvida, na medida em que tais espaços acabaram se transformando em “salas de aula” para as crianças e os jovens e trouxeram um “colorido” especial aos conteúdos que estavam sendo trabalhados através dos jogos e brincadeiras.

A seguir, um pouco dos primeiros momentos do projeto e das trocas iniciais entre as visitantes da Catalunha e os jovens e crianças que fariam parte desta divertida experiência de aprendizagem ambiental.



Apresentação do projeto aos jovens multiplicadores; na sequência, houve uma dinâmica de apresentações pessoais e visitas ao Mirante e Represa de Serra Grande.



Na Manã Paisagismo, primeiro encontro das universitárias catalãs com o “Eco-louquinhos pela Vida”.



“Aquecimento” na Barra do Sargi, onde os jovens vivenciaram o primeiro jogo da série: um quebra-cabeça de boas práticas ambientais.



“Jogo dos Sacos”, o segundo da série, realizado na Escola Rural Dendê da Serra: brincadeira que aborda a importância do agricultor tradicional (enquanto produtor e agente conservador) e do empreendedor (enquanto apoiador social e ambiental).

E o projeto teve sequência ao longo de todo o verão de 2011/2012 seguindo a proposta de intercalar a vivência/aprendizado por parte dos jovens de um dos jogos/brincadeiras com sua aplicação junto às crianças do Eco-louquinhos pela Vida. A seguir é apresentada esta sequência, com destaque para o objetivo principal de cada uma das dinâmicas e os locais alternativos em que foram realizadas.

Na Cabana Brazuka (Praia do Pé de Serra), os jovens descobriram o “*Jogo da Oca*”, que mostra os caminhos que levam ao cuidado com a natureza, e as enormes consequências dos descuidos!



Na Fazenda Cultural Ouro Verde, momento de repassar o aprendizado para as crianças.



“Jogo da Memória” na Cachoeira do Tijuípe: Identificando frutas locais e as generosas árvores das quais elas provêm, tendo muitas delas ao redor!



“Jogo da Memória”: A vez das crianças no ambiente acolhedor e seguro da Pousada Serrazul.



O “Twister”: Teste sobre cultura e ecologia locais através de uma “ginástica” para mente e corpo.



E as crianças também tiveram que se “exercitar”.



O “Jogo das Boas Práticas, parte II” teve lugar num sítio à beira-mar: Dando continuidade a divertidas reflexões sobre práticas saudáveis para nós e nosso meio, e formas de colocá-las em prática.



Mais uma vez à sombra das mangueiras da Casazul, agora para revisar as “Boas Práticas” com as crianças.



Por fim, o “Jogo dos Processos”, cujo objetivo é promover (com alegria e união), alguns dos processos (e produtos) básicos da agricultura tradicional.



E finalizando com o “Jogo dos Processos” para o “Eco-louquinhos pela Vida”.



Na fase conclusiva do “Sensibilizar Brincando”, os jovens multiplicadores do Eco-loucos pela Vida, já com uma boa bagagem de experiência, aventuraram-se em pequenas demonstrações para seus colegas na Escola Municipal Eliés Haun, de Serra Grande, como pode ser visto na sequência a seguir, que aconteceu nas turmas de 7ª e 8ª séries, e do EJA.



O projeto “Sensibilizar Brincando”, na sua etapa experimental serra-grandense, foi concluído em abril de 2012. Todo o kit de jogos e brincadeiras foi doado aos jovens do Eco-loucos pela Vida, que tiveram a oportunidade de dar continuidade a esta “brincadeira educativa” em diferentes espaços da Vila.

II Verão Ecológico & Cultural, em parceria com o “Amigos do PESC”

Seguindo as linhas gerais e o “espírito” já vividos no verão de 2010/2011, o objetivo da parceria com o projeto “Amigos do PESC”* para o II Verão Ecológico & Cultural era promover um mergulho no potencial ambiental e sociocultural *da região de influência do PESC*, por meio de processos criativos e vivenciais de aprendizagem no entorno e no próprio Parque, dos quais, além do Ecoloucos pela Vida, participariam jovens e adultos da comunidade de Serra Grande, convidados pela equipe técnica do “Amigos do PESC”.

A proposta era, uma vez mais, “descobrir juntos” (as belezas, desafios e potenciais naturais e culturais do PESC e seu entorno) e explorar, criativamente, os desdobramentos de tais descobertas para um melhor cuidado deste patrimônio natural que abriga milhares de formas de vida. E o processo se desenvolveu também por meio de expedições de campo e mini-eventos de compartilhamento abertos à comunidade.

Assim como no I Verão Ecológico & Cultural, foram formados dois grupos, um composto por mulheres e crianças e o outro por jovens, todos moradores de Serra Grande e entorno. Semanalmente, cada grupo partia do Centro de Informações do PESC (CI do PESC), em Serra Grande, rumo a algum “destino/sala de aula” na região. Com raríssimas exceções os participantes conheciam os lugares visitados, ou já tinham tido contato com a proposta visitada.

Além da parceria com o “Amigos do PESC”, esta proposta de formação contou com o apoio de outras instituições e empreendimentos locais, e de pessoas simpatizantes, que abriram seus espaços e/ou disponibilizaram o seu tempo para interagir com os grupo. Por serem essencialmente vivenciais, a maior parte das atividades precisavam acontecer em ambientes naturais, muitos dos quais se encontravam em propriedades particulares. Daí a importância desses apoios, ao propiciarem o acesso a paisagens singulares e de enorme potencial para inspirar a criação de novas realidades.

A seguir é relatada a sequência de atividades que foram realizadas e os respectivos espaços onde aconteceram. No início de cada jornada, o grupo se reunia no CI do PESC para um alinhamento em torno do roteiro que realizariam juntos e para relembrar os “combinados” e papéis de cada um visando um dia rico em aprendizados para todos.

i) Grupo de mulheres e crianças na Fazenda Juerana Milagrosa.

O convidado deste dia foi *Tio Bob*, educador da Recreare Lazer e Aventura, que desenvolveu dinâmicas lúdicas, com foco em temas ambientais, para integrar e misturar os componentes do grupo, que tinham também a “missão” de registrar tudo, através de imagens, desenhos e textos.



Aquecimento inicial no CI do PESC.



Integração no mirante da fazenda, brincadeiras com as árvores e na água!



Para finalizar, um relato colorido do dia.

ii) A vez dos jovens na Fazenda Juerana Milagrosa.

Neste dia, os jovens também contaram com a animação do educador *Tio Bob*, que trouxe novas dinâmicas para integrar o grupo numa manhã que foi de muita chuva na fazenda.



Os "combinados" do dia, no CI do PESC, e roda de integração na fazenda.



Diversão enquanto a chuva cai, e uma inusitada conversa sobre “naturologia”!

iii) Fazenda Cultural Ouro Verde & Barracão d’Angola. Grupo das mulheres e crianças.



O grande guia deste dia na Fazenda Cultural Ouro Verde foi o Mestre de Capoeira Angola Cabello, que compartilhou com todos como surgiu a ideia do espaço de vivências que existe na Fazenda, o que tem acontecido ali, e como esta iniciativa integra cultura e conservação ambiental. Depois conhecer a fazenda, e de um indispensável mergulho na represa, todos foram conhecer o Centro Cultural Barracão d’Angola e assistir uma aula de Capoeira Angola com o Mestre.



Caminhando para um bate-papo com o mestre, conhecer a fazenda e cair na água!



E o tempo de refletir juntos, e colocar essas reflexões no papel era sempre preservado.



Uma merenda, antes de conhecer mais sobre cultura afro-brasileira e capoeira no Barracão d'Angola.



E mais um tempinho para traduzir as informações e vivências em coloridos relatos.

iv) Os jovens na Fazenda Cultural Ouro Verde & Barracão d'Angola.

Neste dia, na visita à Fazenda Cultural Ouro Verde, os jovens tiveram uma rica troca com os Mestres de Capoeira Angola *Cabello* e *Cobra Mansa*, dois dos grandes nomes mundiais desta importante arte popular. E também puderam conferir a importância daquele espaço de vivência. Mais tarde, partiram para um almoço na Vila, seguido da visita ao Barracão d'Angola, onde puderam assistir e participar de uma roda de Capoeira Angola.



Alegria na caminhada que levaria ao encontro dos mestres Cabello e Cobra-Mansa.



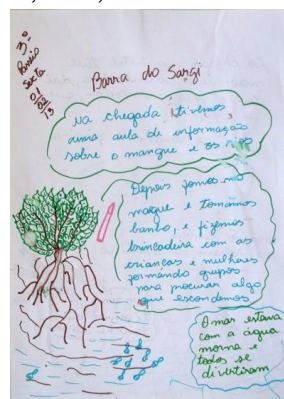
E um espaço privilegiado para se traduzir, de forma livre, as singularidades do local.



Tempo para uma refeição saudável, antes de prestigiarmos a saúde dos “angoleiros” na roda.

v) Um dia na Barra do Sargi e Pousada Serrazul, relatado pelas mulheres e crianças.

“Iniciamos nosso passeio à Barra do Sargi pela Pousada da Tereza. Paramos na pousada e lá a Val deu uma aula sobre o mangue, o rio, o mar e o limite das cidades.”



“Caminhamos até o mangue a alguns até nadaram. A água estava pelando! A Zezé chegou até procurar caranguejo, mas não encontrou.”



“Depois do mangue, participamos de uma gincana e nos dividimos em 3 grupos. Na Cabana do Seu Everaldo fizemos outra gincana e os perdedores fizeram limpeza de praia.”



“Depois passamos pelas jangadas e foi engraçado ver a Mara perder pras crianças no cabo de força!”



“Logo depois chegamos à Pousada Serrazul, lá as crianças se divertiram, teve mais brincadeiras como a corrida da batata na colher e do caranguejo. O grupo vencedor foi o grupo 2 e o prêmio foi uma caixa de chocolates, e eles dividiram com o restante dos grupos. No fim fizemos um lanche delicioso!”



vi) Mais mangue (na Barra do Sargi) e Pousada Serrazul, agora com os jovens.

“Iniciamos o dia com uma apresentação. Antes de entrar no mangue descobrimos curiosidades sobre o mesmo. E, então, partimos ao seu encontro. Enfim, chegamos euforicamente ao mangue. Não faltou diversão; saltamos na água!”



“Demos início a uma mini gincana, o grupo se dividiu em 3 para cumprir as tarefas e esconder os canudos! No meio da brincadeira, o grupo fez uma parada no ponto dos jangadeiros, aproveitando a ocasião para se refrescar na praia!”



“Fomos à Pousada Serrazul para concluir a mini-gincana, registrando em desenhos como foi o dia e ouvir o gerente Junior elogiar a iniciativa do projeto. O dia foi concluído com um almoço e com a distribuição do prêmio ao grupo ganhador que, no final, foi solidário e dividiu com os demais participantes.”



vii) O dia dos jovens na Barra do Tijuípe.



“Chegamos no Poço do Robalo. Nós não conhecíamos esse lugar e a gente estava olhando para a mata. Fizemos uma pose para a foto do grupo. O Mário era o nosso guia. A gente fez um círculo para ensaiar o ‘peito, estala, bate que a Raquel ensinou a gente a fazer.”

“A Cris deu uma animação para o grupo fazer uma anotação sobre tudo o que a gente via e escutava dentro da floresta. O Mário mostrou pra gente o pé de amescla e a restinga, que tem árvores diferentes da floresta.”



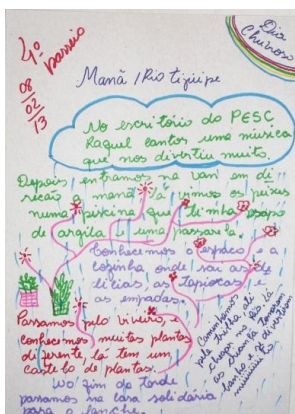
“Chegamos à Praia do Tijuípe e ao acampamento dos pescadores e marisqueiras. Passamos na ponte que ia para o mangue, atravessamos o Rio Tijuípe e achamos um Chama-Maré. A gente tomou um banho na Barra e fizemos uma meditação dentro da água, depois voltamos pela praia.”



“Depois, passamos tudo o que a gente entendeu pro papel e retornamos para a Casa da Economia Solidária, e lá contamos a história do passeio. Depois a gente almoçou. Pena que o nosso amigo Roque estava com a coluna bichada...”



viii) E o das mulheres e crianças na Manhã Paisagem e Rio Tijuípe.



Conhecendo a estrutura e o viveiro, antes de mergulhar no rio e participar de brincadeiras.



E o dia terminou com uma saborosa merenda na Casa da Economia Solidária.

ix. As jornadas de verão tiveram seu ápice reunindo jovens, mulheres e crianças para um “Domingo no PESCA”.



Primeiro momento: “aquecimento” com o educador/recreador Tio Bob.



Em seguida, a guarda-parque Diva Rosa compartilha informações sobre o Parque e o seu trabalho.

Na trilha do PESC, o grupo foi acompanhado por alguns guarda-parque e pelo técnico ambiental Mário Celso, que aproveitou o percurso para uma aula sobre sementes.



Após a trilha, com amostras coletadas na floresta, Mário Celso revela os segredos da germinação.



E como a água é elemento indispensável nas jornadas do Eco-loucos pela Vida, um encontro com uma cachoeira na volta pra casa.



Evento de compartilhamento e celebração final

Como já é parte do ritual do Eco-loucos pela Vida, os programas sempre se encerram com compartilhamento e celebração.



Neste evento, os participantes construíram uma “Linha do Tempo”, demonstrando a diversidade de atividades e lugares visitados. E, em seguida, escolheram e desenharam um símbolo para cada marco na “Linha”.

Para instigar a criatividade, os aprendizados também foram traduzidos numa mini-peça de teatro, que seria, em seguida, encenada para os convidados do grupo.



Mas antes da encenação, ainda aconteceu a exibição de um vídeo, também co-produzido pelos participantes, que mostrava com um pouco mais de detalhes como foram as expedições de campo do Verão.

E assim foi o II Verão Ecológico & Cultural, parceria entre o Eco-loucos pela Vida e o projeto Amigos do PESC. Nove expedições a locais no entorno do Parque e no próprio PESC, o mesmo número de mini-eventos para “destilar” o aprendido nessas expedições e compartilhá-las com um grupo maior de “participantes indiretos” do projeto, um conjunto rico e belo de materiais produzidos a cada semana. Enfim, um verão com um gostinho de “quero mais”, que terminou com um convite para continuar, através do aprofundamento dos aprendizados numa segunda etapa da parceria, que teve início em maio de 2013.